

5 GRAMÁTICA DO TERROR: ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS E IMAGÉTICAS PARA A PRODUÇÃO DO MEDO

*Senhoras e senhores
 Trago boas novas
 Eu vi a cara da morte
 E ela estava viva
 Eu via cara da morte
 E ela estava viva- viva!
 (Boas Novas- Cazuza, 1988).*

Feridas, sangue, tosse, catarro, vômitos, suor, dor, choro, a cara da morte. Os soropositivos, segundo os livros didáticos de Ciências analisados, veem a cara da morte. Seus corpos são retratados como aqueles nos quais não pulsa mais vida, fadados a uma morte sombria, vergonhosa e solitária, resultado de sua indisciplina, promiscuidade e desvios sociais,

O ato sexual não inquieta porque revela o mal, mas sim porque perturba e ameaça a relação do indivíduo consigo mesmo e a sua constituição como sujeito moral: ele traz com ele, se não foi medido e distribuído como convém, o desencadear das forças involuntárias, o enfraquecimento da energia e a morte sem descendência honrada (FOUCAULT, 1984, p. 124).

A relação direta entre a AIDS e a morte teve grande evidência a partir do final da década de 1980, através de

campanhas publicitárias vinculadas pela mídia do país e do mundo com *slogans* do tipo: “AIDS mata” e “AIDS não têm cura e mata”, representadas por imagens de casais fazendo sexo em cima de caixões ou com escorpiões, utilizadas, por exemplo, em campanhas da mídia na França entre 2004 e 2005³⁹ (GARCIA, et. al.,2011), uma alusão ao seu veneno fatal, num claro intuito de produzir sentimento como medo da doença e da morte (ARRAES, 2015, p. 144). A concepção da AIDS, como sendo a última fase da doença e, portanto, a mais grave e avançada, é traduzida, nos livros didáticos analisados, pelo seu caráter irreversível (SONTAG, 2007, p.94), como finitude vergonhosa, dolorida e estigmatizada como uma das piores moléstias da humanidade,

Existe uma história do sofrimento. Esta história das doenças conhece a febre conjuntural das epidemias. É uma história dramática que revela através dos tempos uma doença emblemática unindo o horror dos sintomas ao pavor de um sentimento de culpabilidade individual e coletiva: lepra, peste, sífilis, tísica, cancro e, num pequeno território fortemente simbólico, a SIDA (LE GOFF, 1997, p. 8).

Discursos que vinculam o sentimento do medo e da morte com relação à AIDS são encontrados amiúde nos livros didáticos de Ciências analisados, sempre reportando a ideia da AIDS como uma doença incurável e, portanto, sem saída. No livro “Nosso corpo”, de Gewandsznajder (2000, p. 223), a frase: “Infelizmente, não há vacina contra a AIDS”, dá o tom

³⁹ Imagens disponíveis em:
<http://vocevecomunicacao.com.br/blog/destaques/campanha-contra-a-aids/>.

de lamento de algo que não pode ser modificado. Nessa mesma linha foram publicadas reportagens na mídia e campanhas de prevenção sob o *slogan*: “A AIDS não tem cura, previna-se”, em 2005, 2012 e 2013. Atribuindo ao vírus todo o seu poder e potência de ação, tirando qualquer tipo de esperança ou possibilidade de cura mesmo ao longo prazo, o autor adverte:

Um dos problemas que dificultam o desenvolvimento de uma vacina é a grande capacidade que o vírus tem de sofrer mutações, produzindo novas variedades, contra as quais a vacina pode não ser eficiente (GEWANDSZNAJDER, 2000, p. 224).

Nessa mesma linha, em “Ciências Naturais no dia-a-dia”, Jenner (2005, p. 118) afirma que: “É exatamente por isso que toda a população deve ser conscientizada sobre o perigo desta terrível doença”; e mais adiante que “Infelizmente temos visto vários casos de fracasso dos medicamentos” (Id. *ibid.*, p. 120); “Enquanto a cura e a vacina não chegam, o melhor remédio é evitar o mal” (Id. *ibid.*, p. 121). Em “Ser humano e saúde”, de Valle (2005, p. 53), consta que “É extremamente importante prevenir-se contra a síndrome, pois ainda não foi descoberta a cura nem tampouco desenvolvida vacina contra o HIV”, e na atividade proposta aos/as alunos no livro “Ciências a vida na terra”, de Gewandsznajder (2005, p. 225): “Cite uma das razões que dificultam a produção de uma vacina eficiente contra a AIDS”, enfatizando a descrença na possibilidade da cura por vacinas ou medicamentos, já que não há cura/salvação para quem infringir as normas e convenções morais.

O sentimento de finitude da vida que a última fase do vírus representa é constantemente evidenciado mediante o uso

da palavra “morte”⁴⁰, como pode ser exemplificado no excerto abaixo, retirado do livro “Coleção Ciências e interação”, de Costa (2008, p. 80),

Em estágios mais avançados da síndrome, surgem diversas doenças oportunistas, que acabam levando o indivíduo à morte. O organismo fica tão debilitado que até mesmo infecções simples podem levar à morte.

Ou em frases do tipo: “Por que a AIDS mata tanto?”, presente em “Ciências: atitudes e conhecimento”, de Figueira & Condeixa (2009, p. 146); “Atualmente, um coquetel de remédios mantém a vida do doente, mas a AIDS continua sendo fatal”, encontrada em “Ciências: atitudes e conhecimento, de Figueira & Condeixa (2009, p. 220), fatalidade que sugere que os soropositivos estão “condenados a morrer, verdadeiros mortos em vida” (SOARES, 2002, p. 49). Tirei a frase, não tinha sentido, era contrária ao que se diz até então.

O sentimento da morte certa também aparece com força nas imagens selecionadas para compor as páginas dedicadas a AIDS nos livros didáticos, como na figura 42:

⁴⁰ Sobre o conceito de morte e sua relação com a doença, Machado (2001, p.56) destaca: “É o espaço discursivo do cadáver, considerado como interior desvelado, que agora faz ver a doença, é a clareza da morte que dissipa a noite viva da doença, permitindo o conhecimento das formas e das etapas das doenças. Foi quando a morte se integrou epistemologicamente à experiência médica que a doença pôde se destacar da contra natureza e ganhar corpo no corpo vivo dos indivíduos”.

Figura 40 - Doenças sexualmente transmissíveis: DSTs

Atividades de estudo de texto

1. Faça um levantamento entre seus colegas de sala para saber se nasceram por meio de parto normal ou por parto cesáreo. Qual foi o método mais comum?
2. Escreva a sequência de eventos do desenvolvimento intrauterino de um futuro bebê.
3. Identifique quais as funções para o embrião e depois para o feto das estruturas placenta, cordão umbilical e bolsa amniótica.
4. Escreva a sequência de eventos de um parto normal desde os primeiros sinais até o nascimento.
5. Quais são os riscos na gestação de adolescentes?

Antes de ler o texto, os alunos observam a tabela e verificam se conhecem algumas doenças descritas. Estimule-os a relatar o que já sabem sobre elas.

Doenças sexualmente transmissíveis: DSTs

As DSTs são causadas por organismos (protozoários, bactérias, vírus ou fungos) que vivem nas mucosas macias e úmidas do corpo humano, como boca, órgãos sexuais ou ânus. Esses organismos só conseguem sobreviver alguns segundos fora desse ambiente, por isso é difícil a transmissão de uma dessas doenças por meio de privadas, assentos de ônibus, piscinas, ou seja, fora do contato sexual íntimo. A maioria é conhecida há séculos, de algumas há relatos na Bíblia.

Nas últimas décadas do século XX, surgiu uma nova doença, ou síndrome, isto é, um conjunto de sintomas e doenças: a Aids. Ainda sem cura, mata anualmente milhares de pessoas, principalmente na África. A Aids, como é conhecida, ou a síndrome da imunodeficiência adquirida, é causada pelo vírus HIV. Como não



Laços vermelhos colocados na Esplanada dos Ministérios, em Brasília, para marcar o Dia Mundial de Luta contra a Aids, 1º de dezembro. Segundo o Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/Aids, desde 1981, quando surgiu a doença, a Aids já matou cerca de 25 milhões de pessoas no mundo.

Capítulo 7 Reprodução e saúde sexual

Unidade 2 - REPRODUÇÃO E SEXUALIDADE

143

Fonte: Ciências: atitude e conhecimento. Figueira Condeixa (2009, p.143).

A imagem com cores fortes e contrastantes, em verde e vermelho, localizada na parte inferior da página, refere-se a campanha realizada no Dia Mundial de Luta contra a AIDS no Brasil no ano de 2006. Nela aparecem laços vermelhos presos a

pequenos paus cravados na Esplanada dos Ministérios, em Brasília, representam o número de pessoas que morreram de AIDS até 03/11/2006. O laço vermelho foi escolhido como símbolo da luta contra a AIDS, por sua ligação com o sangue e sua relação com a paixão⁴¹, diferente dos países da África, onde o mesmo laço significa o acolhimento, algo que se fecha como em um abraço a pessoas soropositivas. Os laços presos a paus cravados na grama verde, faz alusão à imagem de um cemitério e a linha do horizonte no final da imagem, onde aparece à ilustração em um ângulo menor, produz o sentido de imensidão dos laços fincados no chão.

A opção pela imagem de um cemitério em um pátio aberto, onde as pessoas caminham e se cruzam diariamente, parece querer provocar no/as leitores/as a ideia de um espetáculo a céu aberto. A partir do século XVIII, em nome da higiene, os cemitérios não mais foram localizados no centro da vida social das cidades, nas praças públicas, em meio ao burburinho dos transeuntes, foram levados para locais mais reservados, afastados (ARIÈS, 2012, p. 151), o que contribuiu para produzir sentimentos relacionados ao medo dos mortos, dos cemitérios, questão frequentemente representado nas telas dos cinemas.

Outra imagem já apresentada no capítulo anterior, mas cuja análise também cabe aqui, é representada pela figura 43, abaixo:

⁴¹ Para saber mais sobre a história da escolha do laço vermelho acesse: <http://www.uberaba.mg.gov.br/portal/conteudo,3132>.

Figura 41 - Reprodução humana e responsabilidade.



Fonte: Ciências Naturais. Aprendendo com o cotidiano. Canto (2009, p.264).

Mais uma vez o laço símbolo da luta contra AIDS está em destaque na imagem, onde ao fundo, no centro, vê-se apenas uma cruz como destino. A mulher caminha carregando uma bolsa preta em uma ponte sem início e sem fim, podendo-

se aludir que estaria sem saída, sem rumo, sob o infinito e as águas do rio. A cor sanguinolenta, utilizada no fundo, na sombrinha e no laço tomam conta da imagem, representando o sentimento de pânico, pavor e de preconceito relacionados a AIDS, o qual associado à figura da mulher caminhando só, parecem indicar o isolamento social e a vivência clandestina a que estão fadados os soropositivos. A imagem da ponte, também pode representar a metrópole, a cidade em movimento, sendo a ponte o limite desse caminho em transição e a mulher em cima dela o fim desse caminho, da sua própria trajetória. O cenário da ponte, do laço e da cruz ao centro dão, ainda, indícios da possibilidade de suicídio, pois como aborda Marquetti (2014) em seus estudos sobre os locais escolhidos para suicídios públicos na cidade de São Paulo,

As cenas suicidas organizam-se em torno do eixo comum, ou seja, todos os eventos ocorrem em cenários situados em ruas ou outros espaços públicos que são limites geográficos da metrópole (MARQUETTI, 2014, p.169).

A ideia de morte associada à AIDS frequente nos livros didáticos analisados, evidencia a tentativa histórica de reforçar a relação do erotismo, do prazer, do sexo como algo pecaminoso e perigoso, devendo a libido ser constantemente controlada e disciplinada com vistas a manutenção da vida,

Nota-se, então, que a importância atribuída ao ato sexual e às formas de sua rarefação se deve não somente aos seus efeitos negativos sobre o corpo, mas ao que ele é, nele mesmo e por natureza: violência que escapa à vontade, dispêndio que extenua as forças, procriação ligada à morte futura do indivíduo. O ato sexual

não inquieta porque releva do mal, mas sim porque perturba e ameaça a relação do indivíduo consigo mesmo e a sua constituição como sujeito moral: ele traz com ele, se não for medido e distribuído como convém, o desencadear das forças involuntárias, o enfraquecimento da energia e a morte sem descendência honrada (FOUCAULT, 1984, p.124).

Com o surgimento da AIDS a sexualidade passou a ser vinculada a possibilidade da morte eminente. Geiling (1995), adverte que as campanhas da AIDS tem sido usadas para amedrontar os jovens em relação a sua iniciação sexual, trazendo, regra geral, como *slogan* o incentivo à abstinência sexual como forma de punição. Nesse mesmo sentido, Venturi (1992) alerta que a consciência da letalidade da síndrome, é de longe, o principal fator gerador do medo de contraí-la, o que indica que só com a descoberta da cura e, principalmente de uma vacina, poderão despencar as taxas de temor até hoje observadas. O autor chama a atenção da relação do medo da doença, sobretudo por conta da questão social: “o medo em função da marginalidade a que são relegados os portadores do HIV, como a assistência médica, discriminação social e familiar”.

De acordo com Rodrigues (2006, p.82), a concepção do morto e da morte relacionada a AIDS desestruturadora, é a antiestruturadora que a sociedade não pode suportar:

A morte do outro é o anúncio e a prefiguração da morte de si, ameaça da morte do nós. Ela mutila uma comunidade, quebra o curso normal das coisas, questiona as bases morais da

sociedade, ameaça a coesão e a solidariedade de um grupo ferido em sua integridade.

Esse desvio, torna-se perigoso e ameaçador à ordem na medida em que revela o que é considerado letal e negativo às sociedades, questões polêmicas como o uso de drogas, sexo, prostituição, sexualidades escapam e vem à tona para serem ouvidas e tornarem-se visíveis, segundo Rodrigues (2006, p. 60):

Assim, tudo o que representa o insólito, o estranho, o anormal, o que está à margem das normas, tudo o que é intersticial e ambíguo, tudo o que é anômalo, tudo que é desestruturado, pré-estruturado e antiestruturado, tudo o que está a meio do caminho entre o que é próximo e predizível e o que é longínquo e está fora de nossas preocupações, tudo o que está em nossa proximidade imediata e fora do nosso controle, é germe de insegurança, inquietude e terror: converte-se imediatamente em fonte de perigo.

Uma das formas utilizadas pelos livros didáticos de Ciências, na tentativa de colocar o fora do padrão como maligno, é justamente reforçar a sua malignidade. Ao mesmo tempo, por não ter sido ainda erradicada, por escapar do “controle” e das formas de disciplinamento, a AIDS carrega todo o estigma negativo de uma doença, caracterizado pela utilização de termos como “fatal” ou “incurável”,

A AIDS configurou-se como a primeira entidade mórbida na qual a construção biomédica, simbólica e social aconteceram de

forma conjunta, colocando em evidência a problemática das relações estabelecidas entre o processo de simbolização e a adoção de práticas e comportamentos cotidianos (OLIVEIRA, 2013, p.3).

Materializada nos discursos textuais e imagéticos acerca dos corpos e dos comportamentos sexuais, a questão da morte relacionada a AIDS se faz presente nos livros didáticos, as vezes sutil, outras não tão sutilmente como comprovam os excertos apresentados.

5.1 Epidemia quantificada: a AIDS em números

O perigo e o risco do vírus da AIDS, ganham precisão ao serem apresentados através de dados que a quantificam, buscando chamar a atenção para o seu elevado malefício. Os números são anônimos, não tem um rosto, podem ser ou atingir qualquer um, uma tecnologia de poder aliada para produzir o discurso da prevenção e do autocuidado de um vírus que agora está cada vez mais próximo. Trata-se de estatísticas que ao mesmo tempo “sustentam os padrões da normalidade e produzem normatizações de posturas, de condutas, costumes, comportamentos e desejos, através de um verniz científico” (SENA, 2013, p. 157). A busca por informar através de dados, tabelas, gráficos, cada vez mais exatos com relação às doenças em geral, age como uma tecnologia de governo, dentro da qual os indivíduos são representados por números e classificações, onde o foco são os anormais, fora da ordem, desajustados,

mortos vivos, que compõem a “epidemia de números” (ABICHEQUER, 2007, p.26).

Para tentar controlar uma possível proliferação da epidemia e tentando cada vez mais localizar, quantificar, conhecer e controlar os sujeitos tidos como “contaminados” pelo vírus, os livros didáticos também lançam mão de gráficos, índices e tabelas, onde os números são a estratégia e o recurso dessa probabilidade sentenciada pela morte, como podemos observar nas seguintes informações: “Hoje existem diversos subtipos do vírus HIV e calcula-se que haja cerca de 100 milhões de pessoas infectadas”, veiculada no livro “Nosso corpo”, de Gewandsznajder (2000, p. 223); “Somente entre junho e agosto de 1997, houve um aumento de 5.808 casos de AIDS no Brasil. Segundo o Ministério da Saúde de 1998, até março de 2001 o Brasil registrou cerca de 210.447 casos de AIDS”, extraída de “Ciências Naturais no dia-a-dia”, de Jenner (2005, p.119); “Hoje aproximadamente 600 mil pessoas são portadoras do vírus HIV no Brasil”, de “Ciências Coleção e interação”, de Costa (2008, p.81), a informação veiculada no livro. Em “Projeto Araribá” de Cruz (2008, p.80),

Houve mais de cinco milhões de novas infecções em 2005. O número de pessoas vivendo com HIV no planeta atingiu seu maior nível, com cerca de 40,3 milhões de pessoas. Mais de três milhões de pessoas morreram de doenças relacionadas à AIDS em 2005, dessas mais de 500 mil eram crianças.

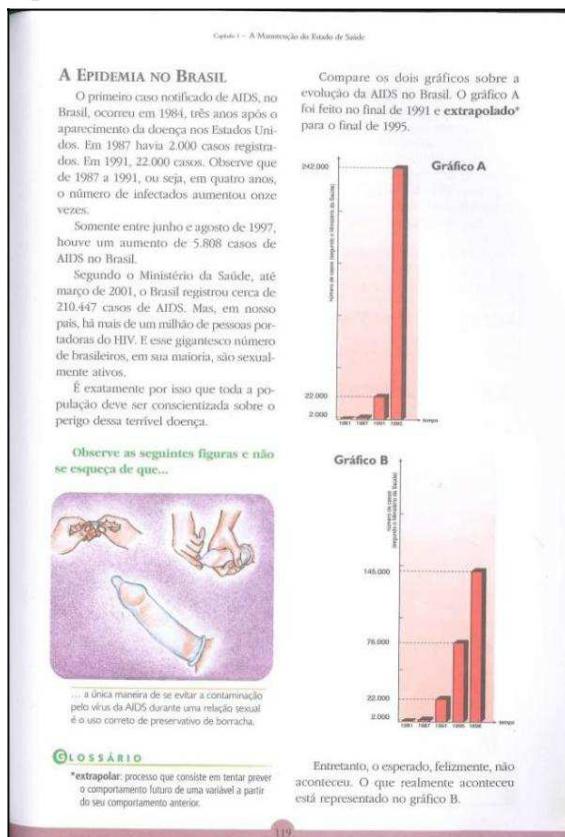
Ou ainda, a informação veiculada no livro “Ciências Naturais. Aprendendo com o cotidiano”, de Canto (2009, p. 275):

Em 2007 o UNAIDS estimou que 33,2 milhões de pessoas estavam infectadas com HIV em todo o mundo. Nesse mesmo ano, 2,1 milhões de mortes foram decorrentes da AIDS e ocorreram 2,5 milhões de novas infecções pelo HIV. Assim, a cada dia de 2007, cerca de 6.800 pessoas foram infectadas pelo HIV e 5.700 pessoas morreram em decorrência da AIDS.

Tais dados revelam números que não são controlados, extrapolam-se a todo o instante, escapam a uma quantificação exata, multiplicando-se a cada segundo. A tentativa de relacionar esses números aos sentimentos de medo, de risco e da morte, também é utilizada através de figuras e ilustrações, de modo a tornar evidente aos olhos dos/as jovens alunos/as a possível devastação que a AIDS, projetada em números, produz nos sujeitos, como sugere a imagem extraída de “Ciências: atitudes e conhecimento”, de Figueira & Condeixa (2009, p.97):

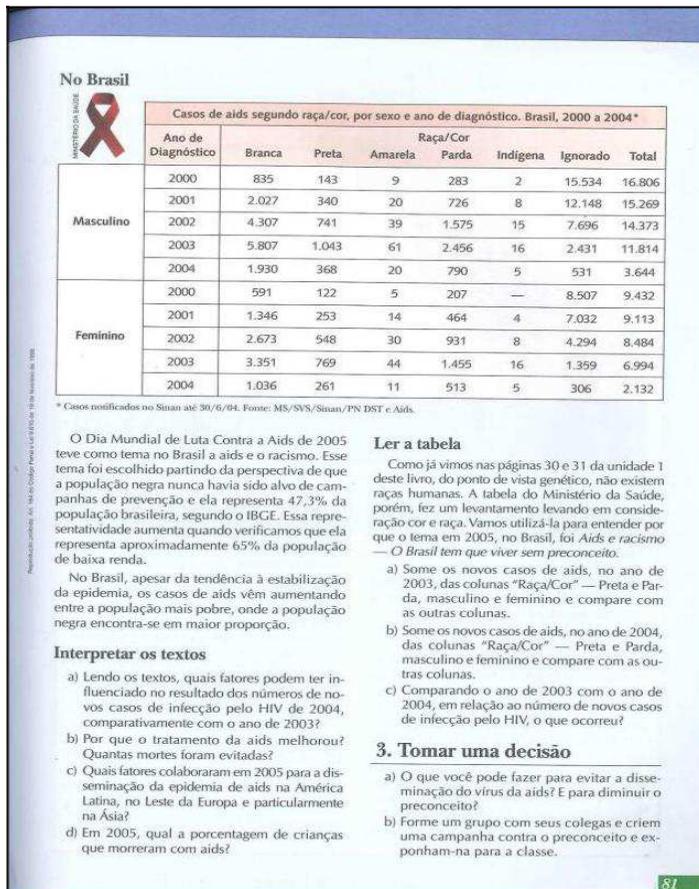
As tabelas e gráficos aparecem com frequência nos livros didáticos analisados, ilustrando o crescimento da AIDS no Brasil e no mundo, sempre utilizando-se de cores fortes, principalmente a vermelha, tanto para chamar à atenção do/a leitor/a na página, como para remeter à ideia do sangue derramado pelo número de mortes registadas pela AIDS:

Figura 43 - A epidemia no Brasil



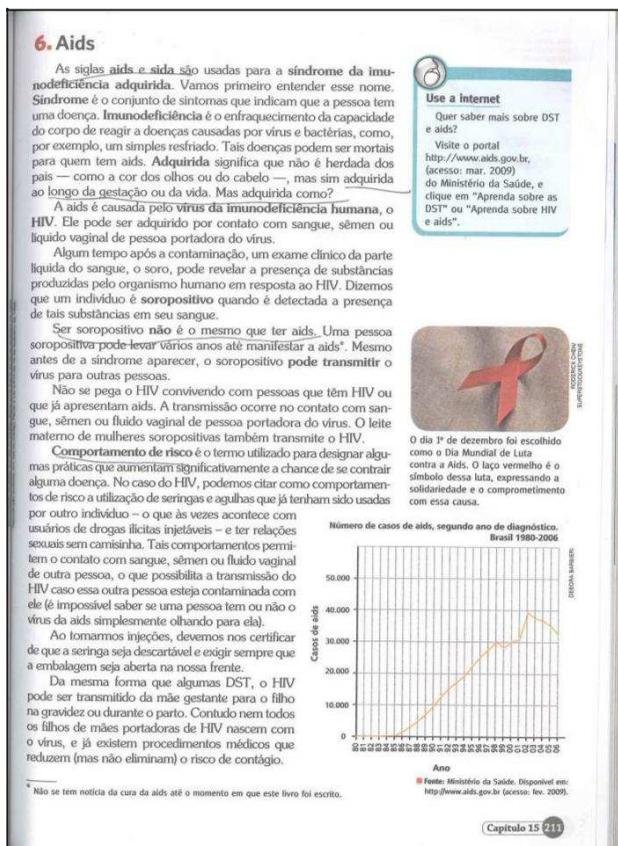
Fonte: Ciências Naturais no dia-a-dia. Jenner (2005, p. 119).

Figura 44 – Dados da AIDS No Brasil



Fonte: Projeto Araribá. Cruz (2008, p. 81).

Figura 45 - Número de casos da AIDS, segundo diagnóstico Brasil 1996-2006



Fonte: Ciências Naturais. Aprendendo com o cotidiano. Canto (2011, p. 211).

Nota-se que seja elas através de gráficos ou de tabelas, os números e o seu gradativo aumento é que ganham destaque. Não são dadas informações importantes e significativas para o/a leitor/a como, por exemplo, os números por idade e ou localidade. Apenas a tabela do livro “Projeto Araribá”, de Cruz (2008, p.81) apresenta os casos por raça/cor e sexo, mas de uma forma muito limitada, apenas masculino /feminino e adultos/ crianças. Essa tentativa de fixar o quantitativo, também pode ser evidenciada nas atividades sugeridas nos livros didáticos. O livro “Ciências Naturais no dia-a-dia”, de Jenner (2005, p. 120) apresenta a seguinte atividade: “Quantas pessoas poderão estar com AIDS, no Brasil, no ano de 2005, caso a evolução da doença se mantenha proporcional?”. “Vivendo Ciências”, de Luz & Santos (2002, p. 104), traz a seguinte atividade: “Quais os motivos que levaram ao aumento do número de infectados pela AIDS?”. O livro “Projeto Araribá”, de Cruz (2008, p. 81), tem como atividades:

- Lendo o texto, quais os fatores que podem ter influenciado no resultado dos números de novos casos de infecção pelo HIV de 2004, comparativamente com o ano de 2003?; - Em 2005, qual a porcentagem de crianças que morreram com AIDS?; - Some os novos casos de AIDS, no ano de 2003 e compare com as outras colunas.

“Ciências Naturais. Aprendendo com o cotidiano”, de Canto (2011, p. 214), faz aos/as alunos/as o seguinte questionamento:

- Desde seu aparecimento no país, o número de casos da AIDS diagnosticados cresceu **sem**

parar até que ano?; - Qual foi o ano (de 1980 a 2006) com maior número de casos de AIDS diagnosticados no Brasil?.

Nota-se neste último exemplo que a expressão “sem parar” está em negrito, enfatizando a falta de controle em relação a disseminação da doença no Brasil, reforçando, desse modo, “a visão do HIV como um fenômeno epidemiológico sem mediação, no qual os sujeitos tornam-se simples elementos fatoriais de uma equação universal (GUIMARÃES, 2001, p. 17). A força dos gráficos e tabelas está justamente na ameaça em relação a possibilidade do risco a que todos/as de uma forma ou de outra estão submetidos e ao medo de vir a fazer parte destas estatísticas, o que traria o estigma, o preconceito e a morte.

5.2 Corpos em batalha contra o vírus: a gramática da guerra

Ao lado dos sentimentos relacionados ao medo da morte que os discursos textuais e imagéticos veiculados nos livros didáticos de Ciências pretendem produzir nos/as alunos/as do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental no que se refere a AIDS/HIV, encontra-se a gramática da guerra, seja a do corpo contra o vírus, seja a do vírus contra o corpo, guerra na qual o vencedor é sempre o vírus. A invasão da doença no corpo, de forma agressiva e incontrolável, é apresentada aos/as alunos/as através de palavras-chave relacionadas à guerra e ao combate, como por exemplo, “destruição”, “ataque”, “defesa”,

as quais reforçam sentimentos de medo e terror frente à doença, como no excerto de autoria de Gewandsznader:

O vírus HIV se liga a certas células do corpo humano. Entre essas células está um tipo de linfócito, que comanda uma série de reações de defesa do corpo. Uma vez dentro do linfócito, formam-se novos vírus que saem da célula e vão atacar outras células. Aos poucos, o vírus destrói o sistema imune, que defende o organismo de outras infecções. Com isso, a pessoa poderá ser atacada facilmente por diversos outros tipos de germes (2000, p. 223).

Vê-se nesse pequeno excerto, diversas expressões que representam a batalha entre um corpo “sem defesas” e um “vírus destrutivo”, como por exemplo: “defesa”, “atacar”, “destrói”, “defende”, “atacada”. Termos como “invasor” e “ataque” também foram encontrados na unidade “As armadilhas do vírus”, do livro “Ciências Naturais no dia-a-dia”, de Jenner (2005, p. 115):

A célula hospedeira, nesse caso, passa a viver, não em função de seus interesses vitais, mas em função das ordens recebidas do vírus invasor. Ao final do processo, ela é destruída e novos vírus são liberados, indo parasitar outros leucócitos. Após invadir o organismo, o vírus da faz AIDS notar sua presença, na forma de doenças secundárias, que atacam o seu hospedeiro.

Trata-se de uma nítida “tática de guerra” arquitetada pelo vírus. Tática também presente em “Vida e ambiente”, de Valle (2004, p. 55): “O HIV usa estratégias para sobreviver aos ataques. O vírus invade a célula, ordenando que ela produza cópias dele”. Nesse sentido, a ilustração incluída em “Ciências Naturais. Aprendendo com o cotidiano” de Canto (2011, p. 214) é emblemática:

Figura 46 - Sátira

Trecho de folheto

2. Em um folheto informativo sobre aids afirma-se que “é chamado de comportamento de risco qualquer atitude que favoreça a contaminação pelo HIV”.

Usando o que você aprendeu ao longo deste capítulo, faça uma lista de comportamentos de risco.

Letas es there que você lihou para este colega e juntos elaborarem uma lista única de dicas. Com base nessa nova lista, discutam sobre que se deve fazer para não se expor ao risco de contaminação. Discutam, também, as atitudes individuais ajudam a conscientizar a população em geral sobre os comportamentos de risco que devem ser evitados.

Gráfico

As atividades 3 a 7 se referem à interpretação do gráfico da página 211.

3. Desde seu aparecimento no país, o número de casos de aids diagnosticados (detectados por médicos) cresceu **sem parar** até que ano?

4. A partir de então, esse número caiu até que ano?

5. Depois disso, o número de casos voltou a subir **sem parar** até quando?

6. Qual foi o ano (de 1980 a 2006) com maior número de casos de aids diagnosticados no Brasil?

7. Tente propor uma explicação para o aumento do número de casos de aids.

Sátira

8. A imagem ao lado satiriza George Walker Bush, que foi presidente estadunidense de janeiro de 2001 a janeiro de 2009.

a) A sátira dá a entender que ele estava preocupado com que tipo de ameaça?

b) Que elemento presente na imagem justifica sua resposta anterior?

c) Na imagem, o que está matando pessoas?

d) Qual é a mensagem que a sátira pretende transmitir?

AUTH



SEU APRENDIZADO NÃO TERMINA AQUI

Se restarem dúvidas, procure seu professor de Ciências e pergunte a ele o que tem interesse em saber. Ele poderá responder ou indicar fontes de informação apropriadas.

É importante buscar fontes adequadas de informação para aprender corretamente e usar o conhecimento para viver melhor.

Há revistas que tratam do tema sexualidade, mas nem sempre veiculam informações corretas ou verdadeiramente saudáveis. Há, também, muitos programas de tv e páginas da internet que tratam o tema com sensacionalismo e induzem as pessoas a comportamentos de risco com relação às DST e à aids.

Esteja atento a isso. Seja uma **pessoa crítica**.

214 Capítulo 16

Fonte: Ciências Naturais. Aprendendo com o cotidiano. Canto (2011, p.214).

Aproximando a imagem podemos percebê-la em seus detalhes.

Figura 47 - Sátira



Fonte: Ciências Naturais. Aprendendo com o cotidiano.Canto (2011, p.214).

Ao fundo, atrás de um homem segurando um míssil, está a figura da morte em preto, representando a AIDS, como se estivesse à espreita, esperando o melhor momento para atacá-lo. O míssil seria a arma de que o homem dispõe para defender-se, posto que ao seu lado, em um quadro branco lê-se: “Eu me preocupo com as possíveis ameaças” (CANTO, 2011, p.214). Ao lado da imagem, encontram-se quatro questões para

os/as alunos/as responderem, que no caso do livro do professor são assim respondidas:

1. Qual ameaça está presente na sátira?

Resposta: a guerra.

2. Que elemento presente na imagem justifica sua resposta?

Resposta: Os mísseis.

3. Na imagem, o que está matando as pessoas?

Resposta: A AIDS.

4. Qual a mensagem que a sátira pretende transmitir?

Resposta: Muitas pessoas morrem de AIDS no mundo.

A imagem da AIDS é diretamente relacionada à guerra e a morte, sendo o sujeito o responsável por isso, de acordo com suas escolhas e comportamentos. O uso da metáfora da guerra foi utilizado de forma mais ampla a partir do início da Primeira Guerra Mundial e do período pós-guerra, em campanhas publicitárias relacionadas à sífilis e à tuberculose. De acordo com Susan Sontag (2007, p. 86):

A metáfora dá forma à visão de uma doença particularmente temida como um “outro” alienígena, tal como o inimigo das guerras modernas; e a transformação da doença em inimigo leva inevitavelmente à atribuição de culpa ao paciente, muito embora ele continue sendo encarado como vítima. A ideia de vítima sugere inocência. E inocência, pela lógica inexorável que rege todos os termos relacionais, sugere culpa .

A autora do livro “As metáforas da imunologia: guerra e paz”, Ilana Löwy (1996), apresenta um levantamento da utilização da metáfora da guerra pelos/as pesquisadores/as da área da Imunologia, na construção do conhecimento imunológico desde o início das pesquisas nessa área até a atualidade. Segundo a autora, houve uma popularização do conhecimento imunológico que passa pela imagem da guerra, como por exemplo, a apresentação dos glóbulos brancos em livros científicos e didáticos como “sentinelas vigiando a chegada do inimigo”. Segundo Löwy, a associação da Imunologia à metáfora da guerra tem origens na “ciência pasteuriana⁴²”, sob a imagem do corpo que combate invasores estranhos e ameaçadores. O próprio termo imunidade contra doenças infecciosas, também foi emprestado da linguagem militar, invocando ainda a existência de hierarquias e diferenças entre os sujeitos.

A predominância das imagens de guerra na descrição das doenças infecciosas não foi sempre aceita por todos, o médico polonês Wladyslaw Bieganski, por exemplo, partidário de uma percepção funcional da doença, criticou vigorosamente, em seu livro “Problemas gerais da teoria das ciências médicas”, de 1897, a linguagem de guerra então em voga:

Se a doença é uma perturbação das funções
induzida pela ação de um estímulo patológico,

⁴² A associação da linguagem da guerra com a imunologia se estabeleceu em 1890, quando Pasteur convidou o zoologista russo Iliá Metchnikoff a se instalar no *Instituto Pasteur* a fim de se dedicar aos estudos sobre os mecanismos de resistência às doenças infecciosas (LÖWY, 1996, p.20).

é totalmente desprovido de sentido falar sobre este tópico como luta, tanto quanto é desprovido de sentido expressar dessa maneira a nossa compreensão de um fenômeno fisiológico. Ninguém afirmará que a digestão é uma luta do organismo contra a comida; ninguém deveria afirmar que a inflamação é uma luta... A doença não é, portanto, uma luta, mas uma reação do organismo aos estímulos, e a diferença entre luta e reação é enorme. Nós não teríamos feito nenhuma objeção à uma utilização puramente metafórica da palavra “luta” para a compreensão das doenças. Entretanto, este não é o caso. A doença é descrita como uma verdadeira luta, e mesmo como uma batalha planejada entre uma armada de fagócitos e as bactérias (LÖWY, 1996, p.21).

Desde o século XIX à atualidade, a concepção da Imunologia oscila entre as metáforas da guerra, que descrevem os mecanismos de imunidade como uma arma defensiva, e as representações do “sistema imunológico” como um mecanismo fisiológico de base do organismo. Mesmo com o advento da “nova Imunologia” e da percepção da imunidade como um sistema fisiológico mais complexo, a visão da imunidade como uma ‘luta do organismo contra as doenças’ ainda perdura no imaginário e registros médicos e científicos da área (ANDRADE, 2001).

A AIDS, grave imunodeficiência, foi percebida inicialmente como uma síndrome complexa e multicausal. A descoberta de que ela seria de fato uma nova doença infecciosa promoveu a proliferação da imagem da guerra, o que tornou a AIDS o resultado do ataque de um vírus particularmente virulento. Estas imagens induziram descrições populares da

doença pela mídia e também orientaram as representações profissionais desta doença. A patologia da AIDS foi analisada como resultado de uma agressão direta das partículas virais contra o sistema imunológico e o sistema nervoso. Essa concepção da AIDS, como o resultado de uma interação complicada entre fatores externos e internos, não aboliu a imagem anterior da doença, como consequência de um ataque de uma força hostil e algumas estratégias de terapia e prevenção, continuaram fundamentadas sobre a imagem da guerra (ANDRADE, 2001).

O uso da metáfora da guerra foi e continua sendo amplamente utilizado pelos/as pesquisadores/as da área da Imunologia e, como vimos, pelos/as autores/as dos livros didáticos de Ciências, que devem basear-se nas obras científicas de referência para elaboraram seus livros didáticos.

No que se refere especificamente aos inimigos, ou seja, aos causadores da AIDS, Arraes (2015, p. 253), aponta a tese construída nos anos 1980, nos Estados Unidos, de que foram os imigrantes haitianos os culpados pela disseminação do vírus do HIV e por “terem posto a nação capitalista em perigo”. Nesse sentido, foi publicada pelo congresso dos Estados Unidos, durante o governo *Ronald Reagan*, uma lei que proibia a entrada de imigrantes que tivessem o vírus HIV no país. Estabeleceu-se, assim, a relação do vírus como sendo o resultado e problema das atitudes de um “outro”, o “estrangeiro”, fora dos padrões sociais que “invade” a cidade e os corpos com a sua “impureza” e a contamina.

Incorporada aos livros didáticos de Ciências analisados, a gramática da guerra traz subjacente o discurso de que na batalha travada pelo corpo, o vírus sairá sempre vencedor. Nela o corpo é retirado do sujeito e torna-se o palco de outros significados,

Definido como o sistema de confronto, metaforizado por defesa e ataque, simbolizado por exércitos e soldados, auxiliares e comandantes, sentinelas, inimigos, invasores, mensageiros, sejam eles, visitantes indesejados, bactérias, parasitas, micróbios, vírus (BASTOS & GONZÁLEZ, 1996, p. 185).

Esquecem-se, porém, os/as autores/as destas obras de informar ao seu leitor/a que tal metáfora é apenas uma ferramenta utilizada para explicar um conceito teórico e abstrato, a qual tem sua origem nos estudos da área da Imunologia, como apresentado anteriormente. Sem qualquer informação acerca disso, a compreensão e o sentimento produzido nos/as alunos/as acerca da guerra travada vai depender do tipo de informação que eles/as tiveram anteriormente a respeito do que seria uma guerra, uma batalha, ou uma luta, e do que isso representa para eles/as, no seu dia a dia. Irá depender, sobretudo, da abordagem dada pelo/a professor/a na sala de aula. Para Bachelard (1996, p.48), “uma ciência que aceita imagens é mais que qualquer outra, vítima de metáforas”, por conta disso, defende que “o espírito científico deve lutar sempre contra as imagens, contra as analogias, contra as metáforas”.

Diante de tais discursos é no mínimo paradoxal o fato de que a despeito do forte investimento dos livros de Ciências do 6º ao 9º ano na questão do terror associado à AIDS cada vez mais jovens tornam-se portadores do vírus do HIV a partir dos 13 anos de idade no Brasil, conforme o Boletim Epidemiológico de 2013, já citado. Se cruzarmos esse dado com o quadro de frequência do endereçamento do conteúdo da AIDS nos livros didáticos de Ciências do 6º ao 9º ano

utilizados na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, vemos que 13 anos é a idade em que geralmente o/a aluno/a do ensino fundamental encontra-se na 7ª série, período em que os conteúdos relacionados a AIDS são veiculados com mais frequência nos livros de Ciências, conforme o quadro abaixo:

Quadro 6 - Frequência do endereçamento do conteúdo da AIDS nos livros didáticos de Ciências do 6º ao 9º ano (2000 a 2011)

2000 a 2011	6ª série	7ª série	8ª série/ano	9º ano
Frequência do conteúdo da AIDS	5	7	2	2

Fonte: produção da própria autora com base em levantamento realizado nos livros didáticos analisados.

Tais conteúdos não estariam tendo o efeito de desejado? Os sentimentos relacionados ao medo e a morte certa não estariam subjetivando-os? Ou, ao contrário, estariam estimulando-os ao perigo e ao risco? Segundo Szajdenfisz & Sadala (2010, p. 256), a fase do adolescer se caracteriza por momentos de escolhas, de dúvidas e de descobertas:

A adolescência tem sido valorizada como uma categoria que exige atenção especial, considerando-se as mudanças subjetivas que se colocam para o jovem por ocasião das transformações pubertárias em que se vê enredado e das transformações sociais que ensejam novas construções para esse universo adolescente.

O século XXI tem exigido dos adolescentes atitudes cada vez mais rápidas, baseadas no consumo volátil de objetos, de sensações e de relações amorosas. Nesse ritmo cada vez mais frenético, eles/as buscam incessantemente por novidades, sem medo do risco e do perigo. Para Le Breton (1991), o jogar com o risco, com a morte entre os/as adolescentes é uma forma de afirmar a própria existência, um estímulo para à continuidade da sua existência.

O próprio “medo da AIDS” vem diminuindo entre os jovens, como pode ser verificado nos títulos das reportagens da “Revista ISTOÉ” e no jornal “Folha de São Paulo”, publicadas entre 2013 à 2015: “A AIDS não é mais a mesma”; “Por que os jovens não usam camisinha”; “A turma que não tem medo da AIDS”. Mais recentemente, surgiram programas no canal *Youtube*⁴³, onde jovens relatam de forma “divertida” e em um tom despreocupado, como convivem com a AIDS.

O fato é que para o adolescente expor-se ao risco, ao perigo, ao proibido enfim, oferece forte atração. Seja através de práticas sexuais sem uso de camisinha, da prática de esportes radicais ou do uso de drogas cada vez mais potentes e desconhecidas, expor-se ao perigo configura-se, segundo Ortega, “como uma resposta à obsessão por comportamentos e estilos de vida sem risco” (2008, p.33). Assim,

Como mediar o prazer com a intervenção de um dispositivo como o preservativo? Como lembrar em um momento de intenso prazer, que existe risco de se infectar com o vírus HIV? Como ser racional e pensar nas

⁴³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gQjsktE0UR4>.

probabilidades no momento de prazer que se sente? (ARRAES, 2015, p. 297).

A sociedade criou a ilusão da liberdade de escolha, da autonomia, e ela mesma criou os limites, as regras e normas para essa suposta liberdade que, ao serem transgredidas, trazem a punição. Em entrevista à Agência de Notícias da AIDS, o Jornalista Leonardo Sakamoto relatou que em conversas com grupos de jovens, constatou que para a maioria deles a camisinha não previne de forma eficaz as doenças sexualmente transmissíveis, e que a AIDS não é mais algo tão preocupante, pois acham que conviver com ela é fácil, devendo-se apenas fazer o uso da medicação (20/02/2015).

Outra pesquisa realizada pelo psicólogo Renato Caio dos Santos, da Faculdade de Saúde Pública da USP, apresentada à Agência de Notícias da AIDS concluiu que os casos da HIV vêm crescendo no Brasil entre jovens, principalmente nas regiões Sul e Sudeste do país (03/11/2015). A cada hora, 10 pessoas são infectadas com HIV na América Latina, e o Brasil é responsável por metade dos casos, sendo um terço dessas novas infecções entre jovens de 15 a 24 anos, segundo o Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2015). Em 2004 haviam sido identificados cerca de 9,5 casos de HIV entre jovens de 15 a 24 anos para cada 100 mil habitantes e em 2014 esse número subiu para 13,4 casos por 100 mil habitantes, com alta de 41% (Id. Ibid.)

Esses dados comprovam o quanto é importante produzir estratégias didáticas e tecnológicas que se aproximem das realidades desses/as alunos/as para a aprendizagem necessária enquanto política de prevenção, já que o conhecimento adquire significado quando é baseado em um contexto social próximo e

cotidiano, onde se possa posicionar-se frente a ele com atitudes e práticas favoráveis de prevenção, “associando a AIDS com o lúdico, o prazer, e a partir daí internalizar uma cultura de prevenção e cuidado” (SEFFNER, 1998, p.57).

Nesse sentido, faz-se necessário rever os discursos veiculados nos livros didáticos de Ciências, avançando para além de uma abordagem apenas biomédica, prescritiva, punitiva, excludente e ou heteronormativa, em direção a um discurso alicerçado em uma relação de confiança, diálogo e acolhimento.

Como no título da música “Trago boas novas”, de Cazuza, um dos primeiros artistas brasileiros a confessar que tinha AIDS, é preciso um diálogo e uma informação positiva a respeito do vírus do HIV e da AIDS, um olhar sem estigmas, preconceito, que perceba a vida.

6 EXPECTATIVAS E POTENCIALIDADES: CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O CONTEÚDO DA AIDS PRESENTE NOS LIVROS DIDÁTICOS DE CIÊNCIAS DO 6º AO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Senhores, A razão que me leva a apresentar-vos esta obra é tão justa- e quando conhecerdes seu desígnio, estou certo de que tereis o também justo desígnio de tomá-la sob vossa proteção - que penso nada melhor poder fazer, para torná-la de algum modo recomendável a vossos olhos, do que dizer-vos, em poucas palavras, o que me propus nela (DESCARTES, 1962, p. 105).

Essa pesquisa teve como objetivo analisar uma série de 16 livros didáticos de Ciências do 6º ao 9º ano do ensino fundamental, adotados pelas escolas da região norte do município de Florianópolis, entre 2000 e 2011, com o intuito de problematizar e desentranhar as gramáticas que os discursos selecionados, através das imagens, textos e atividades presentes em tais livros acerca do conteúdo da AIDS, pretendem produzir nos/as alunos/as, muito particularmente as relacionadas aos sentimentos e as emoções.

De acordo com as perspectivas teóricas da análise dos discursos, do *Affective turn*, e da gramática visual, foi possível identificar os discursos veiculados por estes livros através de gramáticas da AIDS, seja a partir de uma gramática do risco, de uma gramática do medo ou de uma gramática da guerra, as

quais enunciam práticas de prevenção, normatividade e controle dos corpos para a produção do sujeito saudável.

Inicialmente foram discutidas as políticas educacionais relacionadas ao livro didático firmadas a partir do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), dando-se especial ênfase ao direito de escolha dos livros didáticos concedido aos professores/as a partir de 1988, o que implicou em tensionamentos políticos e econômicos envolvendo, principalmente as grandes editoras do mercado editorial brasileiro, com relação a sua compra e formas de distribuição gratuita a partir de 1993.

Nesse sentido, verificou-se o quanto o investimento das editoras nos projetos dos livros didáticos envolve múltiplas questões - políticas, econômicas e editoriais - as quais são marcadas por intenções bastante particulares, que podem ser percebidas, por exemplo, nas modificações que o conceito de ciência teve ao longo dos anos nos livros analisados - desde uma ciência exata, com ênfase no caráter biológico do corpo, até uma concepção de ciência preocupada com as relações do homem com o ambiente - ou nas capas escolhidas para os livros, com forte conteúdo emocional, mesclando sentimentos entre o medo do desconhecido, o risco e a proteção. As estratégias das editoras, contudo, se estendem para além destes quesitos, conforme verificado, influenciando na seleção feita pelos/as professores/as, a partir de visitas prévias de seus representantes às escolas, onde são apresentados as obras.

Após esta análise inicial sobre o périplo dos livros até chegar as escolas da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, debruçei-me sobre os discursos veiculados nos capítulos e unidades dedicadas a AIDS/HIV, buscando desentranhar as gramáticas neles subjacentes, gramáticas

entendidas como enunciadoras de práticas, saberes e sentimentos que interpelam os sujeitos.

O primeiro passo em relação a este intento foi o de verificar o espaço reservado ao conteúdo da AIDS nos livros didáticos e o quanto este estava relacionado ao espaço que a síndrome teve na mídia no período estudado. Nesse sentido, foi constatado que o número de páginas destinadas ao conteúdo da AIDS nos livros didáticos do 6º ao 9º ano analisados sofreu uma queda a partir de 2009, ano em que as campanhas midiáticas de prevenção a AIDS sofreram uma significativa diminuição no país, tendo em vista o discurso generalizado de que a síndrome estaria controlada. No mês de dezembro de 2012, por exemplo, foram publicadas pelos jornais “O Globo” e a Folha de “São Paulo”, inúmeras reportagens com títulos do tipo: “O fim da AIDS no Brasil” ou “Brasil pode ser o primeiro país a derrotar a AIDS⁴⁴”, respectivamente. Discursos como estes, que abundaram na mídia escrita e falada entre os anos 2010 e 2012 certamente influenciaram os/as autores/as dos livros a diminuir a sua preocupação com a questão, o que pode ser constatado na redução, regra geral, das três páginas até então reservadas ao tema para apenas uma.

Constatou-se, não obstante, que essa despreocupação em relação a questão por parte dos/as autores/as dos livros, estava em desintonia com os dados apresentados pelo Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS

⁴⁴ Seguindo esse discurso, em 2015, houve uma avalanche de informações veiculadas pela mídia, como por exemplo, “Governo afirma que a epidemia da AIDS está relativamente estabilizada”, publicada pelo estado do Rio de Janeiro em 2015; “Pesquisador espanhol afirma que a epidemia da AIDS está perto de ser controlada”, publicada no *site* Terra em Julho de 2015; “Mundo detém a AIDS”, publicada no *site* Terra em Julho de 2015.

(UNAIDS), de 2011, os quais apresentavam um aumento bastante preocupante de pessoas que haviam contraído vírus HIV em todo o mundo. Estava também em desarmonia com os dados publicados no mesmo ano pelo Boletim Epidemiológico do Departamento de DST, AIDS e Hepatites Virais do Ministério da Saúde brasileiro, o qual denunciava que a taxa de casos de AIDS entre a faixa etária de 13 a 19 anos no Brasil teve um aumento expressivo, passando de 2,9% em 2002 para 6,7% em 2014, no que se refere ao sexo masculino e de 1,2% em 2002 para 4,2% em 2014, em relação ao sexo feminino⁴⁵.

Quanto ao conteúdo prescritivo e normativo identificado nos títulos dos capítulos e das unidades relacionados à temática, bem como as imagens selecionadas para a abertura dos/as mesmos/as, observou-se o trato da sexualidade e dos desejos como algo perigoso e a se prevenir a todo instante em nome de padrões de comportamento considerados saudáveis e desejáveis. Os desejos do corpo, as suas descobertas e a sexualidade são colocados sob risco e vigilância, através de um discurso direcionado ao controle do corpo e de seus impulsos.

A respeito das diferentes abordagens do conteúdo da AIDS nos livros didáticos de Ciências do 6º ao 9º ano, percebeu-se a presença de “sintomas” de discursos estigmatizantes e, em alguns casos, equivocados. Há nos 16 livros analisados diferentes entendimentos sobre o surgimento da síndrome, sobre a sua conceitualização, formas de transmissão, contágio e prevenção, sendo em geral, veiculado o

⁴⁵ Dados disponíveis em:

http://www.aids.gov.br/sites/default/files/anexos/publicacao/2015/58534/boletim_aids_11_2015_web_pdf_19105.pdf.

entendimento da AIDS como uma doença e não como uma síndrome, ou seja, como um conjunto dos sintomas adquiridos pela AIDS.

Ademais, é reforçado peremptoriamente, o entendimento da AIDS como consequência de comportamentos desviantes e de riscos constantes. A culpa, o medo e o terror são sentimentos que afloram dos discursos veiculados, sedimentados no entendimento de que o corpo precisa ser constantemente controlado, vigiado e disciplinado por práticas preventivas de modo a produzir uma gramática prescritiva sobre os sujeitos. Ao mesmo tempo, a AIDS é atrelada a uma morte dolorosa e sem esperança, cujos sintomas evidenciariam as consequências de uma vida e, muito particularmente, de práticas sexuais consideradas desviantes, marginais.

Há, ainda, nos capítulos e ou unidades relacionados a AIDS/HIV um forte discurso homofóbico, que culpa direta ou indiretamente um “grupo de risco” pela epidemia, utilizando termos e imagens que a relacionam a atitudes consideradas desviantes ou fora do padrão, onde a homossexualidade é identificada como o “outro”, considerado “estranho”, do qual deve-se manter distância por causar risco e ameaça ao padrão heteronormativo.

A feminização da AIDS nos livros didáticos de Ciências foi uma das principais revelações desta pesquisa, representada não só através de discursos textuais mas sobretudo imagéticos. Nesse sentido, chamou a atenção a preferência dos autores/as dos livros pela veiculação de imagens de mulheres para representar a síndrome, seus sintomas, formas de prevenção e risco, uma gramática que coloca a mulher como responsável pela disseminação da doença, seja porque a ela caberia a tarefa de prevenir o contágio - através da decisão sobre o uso da camisinha - seja

porque o seu corpo é tido como objeto de maior facilidade para a transmissão da AIDS.

A gramática do medo atrelada a do sangue e a da morte foi constatada pela presença significativa de imagens que reforçam a questão da morte, seja pelas ilustrações e as cores nelas utilizadas – geralmente o vermelho, que remete a ideia de sangue - seja pela linguagem demarcada por tons sombrios e apocalípticos com relação à AIDS. A linguagem obscura e negativa infere ao corpo uma situação de fragilidade, impotência e letalidade diante de um vírus que torna-se cada vez mais potente e fora de controle. Nesse sentido, a utilização da metáfora da guerra para referir-se a síndrome, através de palavras relacionadas ao ataque, a defesa, a disputa, a invasão e ao inimigo, concorrem para produzir gramáticas que anulam qualquer possibilidade de sobrevivência do corpo ao vírus, o que não é verdadeiro.

Diante das conclusões obtidas, aponto ser urgente a revisão e aperfeiçoamento do sistema de avaliação adotado pelo PNLD no sentido de rever, e atualizar os conteúdos sobre a AIDS veiculados nos livros didáticos de Ciências do Ensino Fundamental. Faz-se necessário, dentre outros, desconstruir discursos relacionados a sexualidade ligada ao sexo enquanto reprodução, ao gênero e a estereótipos quanto ao papel das mulheres nas relações sexuais e em relação ao seu próprio corpo, a homossexualidade, bem como possibilitar aos leitores/as os direitos garantidos aos soropositivos e, ainda, disponibilizar conhecimentos sobre os avanços dos estudos sobre a síndrome, muito particularmente sobre os medicamentos contra o HIV/AIDS.

Não pretendi com esta pesquisa tentar descobrir uma verdade que estaria encoberta ou escondida a respeito dos discursos sobre a AIDS nos livros didáticos de Ciências do 6º

ao 9º ano, mas dar pistas à novas possibilidades de se olhar para os objetos e materiais utilizados no contexto escolar. Creio que os saberes prescritos pela escola e seus artefatos de poder devem ser, permanentemente contestados, subvertidos, desafiados, demonstrando que tanto as identidades quanto as subjetividades são mutáveis e históricas.

É necessário reconhecer que os discursos, textuais e ou imagéticos veiculados nos livros didáticos são polissêmicos e sujeitos a múltiplas leituras através da perspectiva das quais são olhados/lidos. Textos e imagens polissêmicas, revestidos de detalhes e códigos que permitem um olhar multidisciplinar sobre eles, a partir de concepções do afeto, da ciência, da biologia, das sexualidades, das relações de gênero.

Conforme vem sendo divulgado pelas fontes governamentais como IBE, OMS, está havendo no país um aumento gradativo do número de casos de AIDS entre jovens, na faixa dos 13 aos 24 anos, cabendo à escola, o desafio de informar para a prevenção sem que se imponham práticas comportamentais, discursos estigmatizantes, excludentes e ou preconceituosos, que contribuem, por exemplo, para legitimar a heteronormatividade. entre os jovens, pelo contrário, aumenta de forma gradativa.

O ensino de Ciências, da saúde e da sexualidade envolve conflitos, rupturas e (des)construções entre a linguagem cotidiana, a científica e a abordada nos livros didáticos. Nesse sentido, professores e professoras precisam estar atentos/as aos discursos textuais e imagéticos legitimados pelos livros didáticos. É preciso combater as metáforas e gramáticas do medo, do terror e da morte associadas a síndrome da AIDS, é “necessário desmascará-las, criticá-las, desgastá-las” (SONTAG, 2007, p. 150). É preciso compreender

o corpo vivo, pulsante, que foge, escapa, que com toda sua força busca o tempo todo permanecer vivo.

Por fim, desejo que as conclusões obtidas com esta pesquisa auxiliem os/as professores/as de Ciências do Ensino Fundamental nas suas escolhas dos livros a serem adotados nas salas de aula, que possam causar (des) construções acerca dos discursos que são veiculados sobre a AIDS/HIV nas escolas, através dos livros didáticos de Ciências, tais como doença e medo, doença e terror, doença e guerra, morte certa, sexualidade e risco, homofobia, feminização da AIDS, discursos que consideram o outro, o diferente, o estrangeiro como causador de riscos a tranquilidade normalizada. Que possibilitem a construção do respeito as diferentes formas de se vivenciar as identidades e as sexualidades, subvertendo práticas e discursos excludentes e discriminatórios.

Que a caneta localizada na capa desta tese, representando uma seringa - cujo líquido vermelho remete a ideia de sangue - tão presente nas imagens dos livros didáticos analisados - possa “contaminar” de forma positiva e diferente da apresentada nos livros didáticos analisados. Que com ela os/as leitores/as possam rabiscar, desenhar e ensaiar novas linhas de fuga e percursos como prática de liberdade e artistagem.

REFERÊNCIAS

ABICHEQUER, Aline. **Só se pega essa doença quem quer?:** tramas entre gênero, sexualidade e vulnerabilidade à infecção pelo HIV/AIDS. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação, UFRGS, Porto Alegre. 2007.

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer:** o poder soberano e a vida nua I. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

AIDS-BOLETIM EPIDEMIOLÓGICO. **Ministério da Saúde no Brasil.** Brasília, Ano 11, n.03, ago. 1998.

AMARAL, I.A Os fundamentos do Ensino de Ciências e o livro didático In: FRACALANZA, H. e MEGID NETO, J. (orgs.). **O livro didático de Ciências no Brasil.** Campinas: Ed. Komedi. 2006. p. 83-123.

AMORIM, Grazielle Regina. **GAPA:** história e as construções e metáforas da AIDS (1987-1991). Trabalho de Conclusão (graduação) — Curso de História, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

_____. **Outsiders do bairro Trindade:** “pacto da morte” ou “ganguê da Aids”? Para além da construção de um episódio. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

ANDRADE, Beatrice L. **O ensino do sistema imunológico: da metáfora à analogia da guerra.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Centro de Ciências da Educação, UFSC. Florianópolis, 2001.

APPLE, M. W. Cultura e comércio do livro didático. In: APPLE, M. W. **Trabalho docente e textos: economia política das relações de classe e de gênero em educação.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 81-105.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente: da idade Média aos nossos dias.** RJ: Nova Fronteira, 2012.

ARRAES, Grazielle Regina de Amorim. **Entre o desejo e a culpa: a transformação do comportamento sexual e as mudanças da noção de risco nas campanhas de prevenção à AIDS no Brasil (1981-2013) e Estados Unidos durante a década de 1980.** Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em História. UFSC, Florianópolis, 2015.

ARRUDA, Guilhermina M.; SILVA, Carla Maria de S. C. A formação do profissional de Biblioteconomia frente às novas tendências do mercado globalizado. **Encontros Bibli,** Florianópolis, n. 6, p. 1-11, set., 1998. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=14700604>>. Acesso em: 06 de dezembro de 2015.

ATHANASIOU, Athena; HANTZAROULA, Pothiti; YANNAKOPOULOS, Kostas. (orgs). Towards a New Epistemology: The “Affective Turn. **Historien,** v. 08, The National Documentation Centre, 2008. Disponível em: <<http://www.historeinonline.org/index.php/historein/issue/view/4>>. Acesso em: dezembro/2013.

AXT, Bárbara. 25 anos de Aids. **Revista Super Interessante**, São Paulo, p. 67-71, mar. 2006.

AYRES, José Ricardo de Carvalho (et al.). Risco, vulnerabilidade e práticas de prevenção e promoção da saúde. In: Campos, Gastão W. de Souza (et. al.). **Tratado de Saúde Coletiva**. SP: Hucitec, Rio de Janeiro. E. Fiocruz, 2009.

BACHELARD, Gastón. **A formação do espírito científico**. Paris: Librairie Philosophique, 1996.

BADANELLI, Ana Maria. La investigación histórica com manuales escolares: ventajas y limitaciones. **Revista Linhas**. Florianópolis, v.11, n,02, p.46-67,jul./dez., 2010.

BARTHES, Roland. A mensagem fotográfica. In: BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**: ensaios críticos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. P.47-83.

BASTIANI, Janelice de Azevedo Neves; PADILHA, Maria Itayra Coelho de Souza. Aspectos epidemiológicos da AIDS em Florianópolis/SC, Brasil. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 569-575, 2012.

BASTIANI, Janelice de Azevedo(et. al.). Pessoas que vivem com HIV/AIDS em Florianópolis/SC, Brasil: ocupação e status socioeconômico ocupacional (1986-2006). **Revista eletrônica Enfermagem**, [s.l.], v. 14, n. 3, p. 579-587, jul./set., 2012.

BASTOS, Cristiana; GONZÁLEZ, Alfredo. Cravado na pele, o hospital. Fronteiras do corpo em dias de SIDA. In: ALMEIDA, Miguel Vale (org.). **Corpo presente**. Treze reflexões antropológicas sobre o corpo. Oeiras, Celta Editora, 1996.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes. Um objeto variável e instável: textos, impressos e livros didáticos. In: ABREU, Márcia. (org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Mercado das Letras, FAPESP, 1999. p.529-575.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução, Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BENITO, Agustín Escolano. **El manual como texto**. Pro-Posições. Campinas, v.23, n.3, p.1-9, set./dez., 2012.
BITTENCOURT, Circe. **Livro didático e saber escolar (1810-1910)**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BORELLI, S.H.S. & SOARES, R.L. Aids e prevenção: balanços e perspectivas das estratégias de comunicação. **Relatório Final do Projeto de Pesquisa Alfa-Educom/Comunidade Européia**. São Paulo: PUC, 1998.

BRASIL. **Ministério da Educação MEC**. Programa Nacional do Livro Didático PNL. 2011, Histórico. Disponível em:<<http://www.mec.gov.br>>. Acesso em: 05 abr.2013.

BRASIL, Vera Vital. **Uma experiência de desnaturalização da morte no contexto da AIDS**: a clínica do acontecimento. Impulso. Revista de Ciências Sociais e Humanas. Piracicaba, São Paulo, 2002. p. 109-130.

CANGUILHEM, Geroges. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

CARVALHO, João Alberto. **O Amor que Rouba os Sonhos.** Um estudo sobre a exposição feminina ao HIV. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

CARVALHO, M. M. C.- Manuales de pedagogía, materialidade de lo impreso y circulación de modelos pedagógicos en el Brasil. **Revista Colombiana de Educación**, [s.l.], v.52, p.91-136, 2007.

CASSAB, M. & MARTINS, I. Significações de professores de Ciências a respeito do livro didático. **Ensaio**, [s.l.], v.10, n.1, 2008.

CAZETTA, Valéria. As cores-geo-grafias em pina: para fazer a geografia dançar 1. **Entre-lugar**, Dourados, MS, ano 4, n.7, 1 semestre, 2013, p. 21-31.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer.** Petrópolis, Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador.** São Paulo: Editora UNESC, 1999.

CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. **Educação e pesquisa.** São Paulo, p.549-566, set./dez., 2004.

CLOUGH, Patricia; HALLEY, J. (org). **The affective turn: theorizing the social.** Durham: Duke University Press, 2007.

_____. The affective turn. In: GRECC, Melissa; SEIGWORTH, Gregory (org.). **The affect theory reader.** Durham: Duke University Press, 2010. p. 206-225.

- CORAZZA, Sandra Mara. **O que quer um currículo?** Pesquisas pós-críticas em educação. Petrópolis, Vozes, 2001.
- CORBIN, Jean-Jacques C. & VIGARELLO, Georges. **História do corpo: as mutações do olhar. O século XX.** Petrópolis: Vozes, 2009.
- CORRÊA, Liana Souto. Mulheres com HIV/AIDS: significando gênero, sexualidade e corpo. In: FAZENDO GÊNERO CORPO, VIOLÊNCIA E PODER, 8., **Anais...** UFSC, Florianópolis, 2008. p.1-8.
- CRAWFORD, Robert. Healthism and the medicalization of everyday life. **International Journal of Health Services**, v.10, n.3, p. 365-388, 1980.
- CRUZ, Elizabete F.; BRITO, Nair. **Fios da vida tecendo o feminino em tempos de Aids.** Ministério da Saúde. Coordenação Nacional de DST e Aids. GIV – Grupo de Incentivo à vida, 2000. Disponível em: <http://www.giv.org.br/fioscapitulo2_04.htm>. Acesso em: 07 jun. 2015.
- CUNHA, Maria Tereza Santos. Das mãos do autor aos olhos do leitor. Um estudo sobre livros escolares: A série de Leitura Graduada Pedrinho e Lourenço Filho (1950/1970). **História (São Paulo)**. v.30, n.2, ago./dez. 2011, p.81-99.
- DAMASIO, Antonio. **Em busca de Espinoza.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. Percepto, afeto e conceito. In: **O que é filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. **O abecedário de Gilles Deleuze.** 1998. Disponível em: <www.oestrangeiro.net/> Acesso em: abril 2013.

_____. **A imagem-movimento:** Cinema 1. Lisboa: Assírio & Alvin, 2009.

_____. **Mil platôs.** Capitalismo e esquizofrenia. Vol 3. RJ: Ed. 34, 1996.

_____; PARNET, Clarice. **Diálogos.** Trad. Eliosa Araújo Ribeiro. SP: Editora Escuta, 1998.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. 28 de novembro de 1947- Como criar para si um corpo sem órgãos. In:_____;_____. **Mil platôs:** capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997. v.3, p.9-32.

DERRIDA, Jacques. A estrutura, o signo e o jogo no discurso das Ciências Humanas. In: DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença.** São Paulo: Perspectiva, 1971. p.229-249.

DEPARTAMENTO DE DST, AIDS E HEPATITES
VIRAIS.BRASIL. **Previna-se.** Disponível em:
<[http://www.aids.gov.br/
pagina/previnase](http://www.aids.gov.br/pagina/previnase)>. Acesso em: 15 mar. 2015.

DESCARTES. Discurso do método: para bem conduzir a própria razão e procurar a verdade nas ciências In: _____. **Obra escolhida**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1962

Diretrizes da **IFLA/UNESCO** para Bibliotecas Escolares, 2002, versão em português (Portugal), 2006, trad. Maria José Vitorino. Disponível em: <<http://www.ifla.org/files/assets/school-libraries-resource-centers/publications/school-library-guidelines/school-library-guidelines-pt.pdf>>. Acesso em: 06 dez. 2015.

DONINI, Ângela A. **Potência Virótica da Vida Afecto, Escrita e Subjetivação**. 2003. Dissertação (Mestrado) – PUC, Programa de Pós Graduação em Psicologia Clínica. São Paulo, 2003.

DUSSEL, Inés. La gramática escolar de la escuela argentina: un análisis desde la historia de los guardapolvos. In: **Historia de la educación**. Anuario Nro. 4 – Buenos Aires: Sociedad Argentina de Historia de la Educación; Prometeo libros, 2003.

_____. A montagem da escolarização: discutindo conceitos e modelos para entender a produção histórica da escola moderna. In: Revista Linhas, v. 15, n.28, Centro de Ciências Humanas, UDESC, Florianópolis, 2014, p. 250-278.

FELDMAN, Daniele. **Uma política de gestão de estoques de informação**: a questão do livro didático. Trabalho de Conclusão (graduação) – Curso de Biblioteconomia. FAED, UDESC, Florianópolis, 2013.

FERRARI, Anderson; SEFFNER, Fernando. “A morte e a morte”... dos homossexuais. **Revista Gênero**. Niterói, vol.10, n.1, 2 sem., 2009, p. 191-217.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

_____. **História da Sexualidade 2** -O uso dos prazeres. Rio de Janeiro, Graal, 1984. ok

_____. **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. RJ: Forense Universitária, 2008.

_____. A ética do cuidado de si como prática de liberdade. In: Foucault, Michel. **Ética, sexualidade, política**: ditos e escritos. RJ: Forense, 2004. p. 245-278.

_____. O sujeito e o poder. In. DREYFUS, Hubert & RABINOW, Paul (orgs.). **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense, 1995.

_____. **História da sexualidade II**: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FRACALANZA, Hilário; Neto, Jorge (org.). **O livro didático de Ciências no Brasil**. Campinas: Editora Komedi, 2006.

FRASSON, Priscila Carozza. **AIDS, qual o seu significado nos livros didáticos?** 2006. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência e o Ensino da Matemática. UEM, Maringá, 2006.

FREITAG, Barbara; MOTTA, Valéria Rodrigues; COSTA, Wanderly Ferreira da. **O livro didático em questão**. 2. ed. São Paulo: Cortez: 1993.

FUNDO NACIONAL DO DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO. Ministério da Educação. **Programas**: livro didático. 2012. Disponível em: < <http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico>>. Acesso em: 01 jun. 2013.

GARCIA, Marcelo Leandro, (et. al.). Análise retórica das campanhas sobre HIV/AIDS no Brasil e em outros países. **Revista Eletrônica do Mestrado Profissional em Ensino de Ciências da Saúde e do Ambiente**, Rio de Janeiro, v. 4, n.1, abril, 2011. p. 76-99.

GATTI JÚNIOR, Décio. **A escrita escolar da história**: livro didático e ensino do Brasil (1970-1990). SP: Edusc; Uberlândia: Edufu, 2004.

GEILING, Kátia. **Essa tal primeira vez**. SP: Moderna, 1995.

GIAMI, Alain. et. al. **Enfermeiras frente a AIDS:** representações e condutas, permanências e mudanças. Canoas. Ed. Ulbra, 1997.

GIDDENS, A. **As consequências da mortalidade.** São Paulo: UNESP, 2001.

GIMENO SACRISTÁN, José. *Materiales y textos: contradicciones de la democracia cultural.* In: GARCÍA MÍNGUES, Jesús; BEAS MIRANDA, Miguel (orgs.). **Libro de texto y construcción de matereales curriculares.** Granada: Proyecto Sur, s.d., p. 75-130.

_____. **O currículo:** uma reflexão sobre a prática. Porto Alegre: ArtMed, 1998. Cap. 1, p. 13-87.

GODOY, Ana; FERRAZ, Joana; FERREIRA, Juliana e BELCHIOR, Jussara. Experimentações estético-políticas: do corpo condenado ao corpo liberado, a vida como matéria ética. **Alegar**, n.04, 2007, p. 1-13.

GOFFMAN, E. **Estigma:** notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GOMES, Paola Basso M. B. Genitais femininos e os lugares da diferença. In: Fonseca, Tania Maria G. & KIRST, Patrícia Gomes (orgs.). **Cartografias e Devires:** a construção do presente. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. p. 273-297.

GUIMARÃES, Carmen Dora. **AIDS no Feminino por que a cada dia mais mulheres contraem AIDS no Brasil?** Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

GURUDI, V. M. ; CAZETTA, Valeria . Alfabetização científica e cartográfica no ensino de ciências e geografia: polissemia do termo, processos de enculturação e suas implicações para o ensino. **Revista de Estudos Culturais**, [s.l.], v. 1, p. 1-16, 2014.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro, DP&A, 1998.

HANAN, Janete. **A percepção social da AIDS**: raízes do preconceito e da discriminação. Rio de Janeiro: Revinter, 1994.

HENRICH, Giovana. **AIDS feminina**: um olhar no espelho sem maquiagem. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Serviço Social. PUC, Porto Alegre, 2008.

HÖFLING, Eloisa de Matos. Notas para discussão quanto à implementação de programas de governo: em foco o Programa Nacional do Livro Didático. **Educação & Sociedade**, v.21, n.70, p. 159-170, 2000.

JACQUES, Paola B. **Estética da ginga**: arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.

KINCHELOE, Joe; BERRY, K. **Pesquisa em educação**: conceituando a bricolagem. Porto Alegre: Artmed, 2007.

KINSMAN, G. Responsibility as a strategy of governance. **Economy & Society**, v.25, n.3, p.393-409.

KRESS, G.; VAN LEEUWENT, T. **Reading images**: the grammar of visual design. London: Routledge, 2006.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana**. Danças, piruetas e mascaradas. Porto Alegre: Contrabando, 1998.

_____. Tecnologias do eu e da educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu. (org.). **O sujeito da educação**: estudos foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 1995. p.35-86.

LAWN, Martin. Uma pedagogia para o público: o lugar de objetos, observação, produção mecânica e armários-museus. **Revista Linhas**, v.14, n.26. Florianópolis: UDESC, p. 222-243, 2013.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo**: Antropologia e sociedade. SP: Papirus, 2003.

_____. *Passions du risque*. Métallié, Paris, 1991.

LE GOFF, Jacques. **As Doenças têm História**. Lisboa: Portugal: Ed. Terramar, 1997.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. São Paulo: Ed. Nacional, 1970.

LIMA, Adriana Araújo de; PERRELLI, Maria Aparecida de Souza. Os processos de escolha e uso do livro didático pelo professor: caracterização das teses e dissertações que abordam essa temática. In: SIPERE - SEMINÁRIO SOBRE IMPACTOS DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS NAS REDES ESCOLARES, 2. SEMINÁRIO SOBRE INTERAÇÃO UNIVERSIDADE/ESCOLA, 1., 2011, Santa Maria - RS. **Anais...** Santa Maria, RS: UFSM, 2011. p.82.

LOPES, Denilson. **No coração do mundo: paisagens transculturais**. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

LÖWY, Ilana. *Metaphors of immunology: war and Peace*. In: **História, Ciência, Saúde**. Manguinhos, III, (1), Mar./Junh., 1996, p.1-17

LUPTON, Deborah. **Risk**. London; New York: Routledge, 1999.

MACHADO, Roberto. **FOUCAULT, a filosofia e a literatura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

MAFFESOLI, Michel. **O instante eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas**. São Paulo: Zouk, 2003.

MAGALHÃES, Justino. O manual escolar como fonte historiográfica. In: COSTA, Jorge. et al. **Manuais escolares da Biblioteca Pública Municipal do Porto**. Faculdade de Letras, Porto, 2008, p.11-15.

MAHAMUD, Kira. **Adoctrinamiento emocional y socialización política em El primer Franquismo (1939-1959): emiciones y sentimento em los manuales escolares de enseñanza primaria**. Tese (Doutorado) — Departamento de Historia de La Educación Y Educación Comparada. Facultad de Educación. Universidad Nacional de Educación a Distancia. Madrid, 2012.

MALISKA, Isabel Cristina. et. al. A AIDS em Santa Catarina, no Brasil: um histórico dos 25 anos da epidemia. **Cadernos de Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v.19, n.2, p.147-156, 2011.

MANTOVANI, Kátia Paulilo. **O Programa Nacional do Livro Didático – PNLD, impactos na qualidade do ensino público**. 2009, 120f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Universidade de São Paulo – Geografia, São Paulo, 2009.

MARQUETTI, Flávia Regina; FUNARI, PEDRO Paulo. **Corpo a corpo**: representações antigas e modernas da figura humana. São Paulo: Fap-Unifest, 2014.

MARTINS, Raimundo. A cultura visual e a construção social da arte, da imagem e das práticas do ver. OLIVEIRA, Marilda O.; HERNÁNDEZ, Fernando (orgs.). **Arte, educação e cultura**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2007. p.11-30.

MASSEY, Doreen . **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado da identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF**, Niterói: UFF, n.34, p.287-324, 2008. Dossiê: Literatura, língua e identidade.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Programa Nacional do Livro Didático - PNLD**. 2013. Disponível em:<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&

view=article&id=12391:pnld&catid=318:pnld&Itemid=668>. Acesso em: agosto 2013.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. BRASIL. **Ministério da saúde divulga dados sobre aids e HIV**. Disponível em: <<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/noticia/2015/12/taxa-de-casos-de-aids-por-habitante-tem-maior-queda-em-12-anos-4919971.html>>. Acesso em: 01 dez. 2015.

_____. **Governo lança nova campanha contra aids e libera autoteste em farmácias**. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/saude/2015/12/governo-lanca-nova-campanha-contra-aids-e-libera-autoteste-em-farmacias>>. Acesso em: 17 dez. 2015.

MITJAVILA, Myriam. O risco como recurso para a arbitragem social. **Tempo Social**, Revista Sociologia. USP, São Paulo, v. 14, n. 2, p.129-145, out. 2002.

MONTAGNIER. **Vírus e homens: AIDS: seus mecanismos e tratamentos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

MULLIER, Jean-Yves. O manual escolar e a biblioteca do povo. In: **A leitura e seu público no mundo contemporâneo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

NASCIMENTO, Dilene R. **As pestes do século XX: tuberculose e AIDS no Brasil, uma história comparada**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

NEIRA, Marcos Garcia; LIPPI, Bruno Gonçalves. Tecendo a colcha de retalhos: a bricolagem como alternativa para a

pesquisa educacional. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.37, n.2, p.607-625, maio/ago. 2012.

OLIVEIRA, Denize Cristina. Construção e transformação das representações sociais da aids e implicações para os cuidados de saúde. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**. Vol, 21. Ribeirão Preto. Jan./Fev., 2013, p.1-10.

OLIVEIRA, Thiago Ranniery M. Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em Educação. IN: MEYER, Dagmar; PARAÍSO, Marlucy (Org.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p.279-304.

ORTEGA, Francisco. **O corpo incerto**: tecnologias médicas e cultura contemporânea. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

_____. Biopolíticas da saúde: reflexões a partir de Michel Foucault, Agnes Heller e Hannah Arendt. **Interface-Comunic., Saúde , Educ.**, v.08 , n.14 ,p.09-20.set, 2003/2004.

OSSEMBACH, Gabriela. ¿Está agotada la investigación histórica sobre manuales escolares? Consideraciones críticas sobre la investigación em el campo de la manualística, a 20 años de la fundación del Centro de investigación MANES. In: MEDA, Juri; BADANELLI, Ana. (orgs.). La história de la cultura escolar em Italia y Espana balance y perspectivas. Itália: Macerata, 2013. p.107-118.

_____. Los manuales escolares como fuente para la Historia de la Educación en América Latina. **Madrid: UNED Ediciones, 2001.**

PASTERNAK, Jacir. AIDS: história pessoal de uma epidemia. **Revista USP**, São Paulo, n. 33 mar/maio, 2011. Dossiê AIDS.

PERLONGHER, Nestor. **O que é a AIDS**. SP: Editora Brasiliense, 1987.

PETERSEN, A. & LUPTON, D. **The new public health: and self in the age of risk**. London: Sage, 1996.

PREVE, Ana Maria H.; CORRÊA, Guilherme Carros. Tudo passa pelo corpo. **Revista de Educação Física, Esporte e Lazer Motrivivência**, Florianópolis: ed. da Ufsc, n. 15, p.1-3, 2000.

RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento** – política e filosofia. São Paulo: Edição 34. 1996.

REDE FEMINISTA DE SAÚDE, UNIFEM. **Igualdade de Gênero e HIV/Aids: uma política por construir**, [s.l.:s.n.], 2003.

ROCHA, Heloísa H. Pimenta & SOMOZA, Miguel. Apresentação do dossiê Manuais escolares: múltiplas facetas de um objeto escolar. **Pro-posições**, Campinas, v. 23, n.03. p.1-6, set./dez., 2012.

ROCHA, Heloísa Pimenta. Pedagogia da boa higiene: uma leitura do discurso médico-pedagógico nos anos 20. **Educação online**, [s.l.:sn.], p. 28., 2002.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da morte**. RJ: Editora FIOCRUZ, 2006.

ROSE, Nikolas. **A política da própria vida: biomedicina, poder e subjetividade no Século XXI.** São Paulo, Paulus, 2013.

SAKAMOTO, Leonardo. Ouvir de um aluno que o HIV já não é grande coisa dá frio na espinha. **UNIADIS:** agência de notícias da AIDS. Disponível em: <http://agenciaaids.com.br/home/noticias/noticia_detalhe/23171>. Acesso em: 03 nov. 2015.

SAMPAIO, Rita. **O livro didático e o cânone literário-escolar (1930-1945).** 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) — Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SANTOS, Luis Henrique Sacchi. O corpo que pulsa na escola e fora dela. In: SWAIN, Tânia et al. **Corpo, gênero e sexualidade:** discutindo práticas educativas. Rio Grande: Editora da FURG, 2007.p.80-93.

_____. **Biopolíticas de HIV/AIDS no Brasil:** uma análise dos anúncios televisivos das campanhas oficiais de prevenção (1986-2000). 2002. Tese (Doutorado) — Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, [Porto Alegre], 2002.

SANTOS, Luis Henrique S.; OLIVEIRA, Dora Lúcia C.L. Gênero e risco de HIV/AIDS nas campanhas de educação em saúde através da mídia. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 29., 2006, Caxambu. **Anais.** Caxambu, 2006. Disponível em: <http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalho/GT23-2294>. Acesso em: dez. 2013.

SANTOS, Beatriz R. et. al. As questões de gênero em livros didáticos de Ciências. In: FÓRUM IDENTIDADES E ALTERIDADE, 6. 2013, Itabaiana. **Anais...** Itabaiana: UFS, 2013. p. 1-12.

SANTOS, N. A; PAIVA, M.S. **Representações sociais de mulheres interioranas acerca da infecção pelo HIV/AIDS.** Salvador, 2007. Disponível em: <<http://www.Aidscongress.net/pdf/320.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2013.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos. Cultura Histórica e cultura escolar: diálogos a partir da educação histórica. **História Revista**, Goiânia, v.17. n.1, p.91-104, jan./jun., 2012.

SECRETARIA ESTADUAL DE SAÚDE DE SANTA CATARINA. **Diretoria de vigilância epidemiológica.** 2010. Disponível em:< <http://www.dive.sc.gov.br>>. Acesso em: 01 dez. 2015.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. **Relatório de Gestão: 2005-2012.** Prefeitura Municipal de Florianópolis, Florianópolis, 2012.

_____. **Matriz Curricular.** Ensino Fundamental de 9 anos. Departamento de Ensino Fundamental. Prefeitura Municipal de Florianópolis, Florianópolis, 2011.

SEFFNER, Fernando. AIDS, estigma e corpo. In: LEAL, Ondina F. **Corpo e significado.** Porto Alegre: Editora da UFRGS,1995. p.391-416.

_____. **O jeito de levar a vida:** trajetórias de soropositivos enfrentando a morte anunciada. 1995. Dissertação (Mestrado

em Sociologia) — Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995a .

_____. O conceito de vulnerabilidade: uma ferramenta útil em seu consultório. **Aletheia**, Canoas: ULBRA, v. 07, p.53-58. jan./jul., 1998.

_____. Oficinas de Avaliação e Planejamento estratégico em Políticas de DST/AIDS no Estado do Rio Grande do Sul. **Vulnerabilidade**. Porto Alegre, 2002. Texto digitado.

SENA, Tito. **Sexualidade, estatísticas e normalidades: a persona numerabilis nos relatórios Kinsey, Masters & Johnson e Hite**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2013.

SGNAULIN, India Mara. **Seleção e uso do livro didático de Ciências por professores iniciantes e experientes, da rede municipal de ensino de Campo Grande, Mato Grosso do Sul**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) — Programa de Pós-graduação em Educação Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande, 2012.

SIEMONS, H. S. **Discriminações aos portadores do vírus da AIDS**, 2005. Disponível em: <<http://www.pge.sp.gov.br/centrodeestudos/revistaspge/revista2/artigo4.htm>>. Acesso em: 08 dez. 2015.

SILVA, Cristiani Bereta & RIBEIRO, Paula Regina Costa. Apresentação. Dossiê Gênero e sexualidade no espaço escolar. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n.2, p. 336, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Um manifesto pós-estruturalista para a educação**. Porto Alegre, [s.n.], 2000. 7p. Mimeografado.

SKLIAR, Carlos. **Desobedecer a linguagem: educar**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

SOARES, Rosana de Lima. Estigmas da Aids: a busca da cura. Impulso. **Revista de Ciências Sociais e Humanas**. Piracicaba, v. 12, n.32. p. 41-56, 2002.

SONTAG, Suzan. **Doença metáfora, AIDS e suas metáforas**. SP: Companhia das letras, 2007.

SOUZA, Rosa Fátima de. História da Cultura Material Escolar: um balanço inicial. In: BENCOSTTA, Marcus Levy A. **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007. p.163-189.

SPINOZA, Benedictus. **Ética**. Trad. de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

STRAY, Chris. Quia Nominor Leo: Vers une sociologie historique du Manuel. In: CHOPPIN, Alain (org.). **Histoire de l'éducation**. n58. Manueles scolaires, Etats et societés. XIXe-XXe siècles. [S.l.]: Ed. INRP, 1993.

SZAJDENFISZ, Bela Malvina; SADALA, Maria da Glória. O adolescente e suas escolhas. In: **Educação e Realidade**, 35(1), jan./abr., 2010, POA, p. 253-263.

TEIVE, Gladys Mary G. Caminhos teórico-metodológicos para a investigação de livros escolares: contribuição do Centro de Investigação MANES. **Revista Brasileira de Educação**. RBE.

Rio de Janeiro, ANPED, v. 20, n. 63, out.-dez., 2015. p. 827-844.

_____. Grupo escolar e produção do sujeito moderno: um estudo sobre o currículo e a cultura escolar dos primeiros grupos escolares catarinenses (1911-1935). **História da Educação**. ASPHE/FAE/UFPEL, Pelotas, v.13. n.29. Set./Dez., 2009, p. 57-77.

TELLES, Norma. **Belas e feras**. São Paulo: Nat. Editorial, 2007.

UNIAIDS. **Jovens com HIV não usam preservativo nem antes ou depois do diagnóstico**. 2007. Disponível em: <www.agenciaaids.com.br>. Acesso em: 03 nov. 2015.

VARELLA, Drauzio. **Aids Feminina**, 2005 Disponível em:< <http://www.drauziovarella.com.br/artigos/Aidsfeminina.asp>. >. Acesso em: 15 mar. 2016.

VASCONCELOS, Michele de Freitas Faria; SEFFFNER, Fernando. A pedagogia das políticas públicas de saúde: norma e fricções de gênero na feitura de corpos. **Cadernos Pagu**, [s.l.], v. 44, p.261-297, jan./jun. 2015.

VEIGA-NETO, Alfredo. Michael Foucault e os Estudos Culturais. In: COSTA, Marisa V. (Org). **Estudos Culturais em Educação**: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2000. p.37-72.

_____. **Foucault e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

VENTURI, G. **A AIDS: temor, informação e mudança de comportamento**. IN: PAIVA, V. (org.). Em tempos de AIDS. SP: Summes, 1992.

VIÑAO FRAGO, Antônio. Historia de la educación e historia cultural: posibilidades, problemas, cuestiones. **Revista Brasileira de Educação**, [s.l.], n.0, p.63-82, 2 sem. 1995.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira L.(org.). **O corpo educado - pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.p.37-82.

WENZEL, Karine. **Casos de aids entre jovens crescem 30% em Santa Catarina**. Jornal Diário Catarinense, Alerta, Florianópolis, 01/12/2015. Disponível em: <
<http://dc.clicrbs.com.br/sc/estilo-devida/noticia/2015/12/casos-de-aids-entre-jovens-crescem-30-em-santacatarina4919413.html>.> Acesso em: 01 dez. 2015.

ZORDAN, Paola. Corpo: conceituações e exemplificações com Spinoza. In: PEREIRA, Marcelo de Andrade (org.). **Performances e educação: (des)territorializações pedagógicas**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013. p.175-189.

ANEXO A - DOCUMENTOS REFERENTES À ESCOLHA DO LIVRO DIDÁTICO

GABINETE DO
MINISTRO
PORTARIA
NORMATIVA Nº 7, DE 5
DE ABRIL DE 2007

Dispõe sobre as normas de conduta no âmbito da execução dos Programas do Livro.

O MINISTRO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, no uso de suas atribuições legais conferidas pelo art. 87 da Constituição Federal, e considerando ser o acesso ao livro um direito constitucional do educando;

-considerando a importância da participação do professor e profissionais da educação no processo de escolha das obras no âmbito dos Programas do Livro;

-considerando que o processo de escolha deve ser realizado de forma transparente com vistas a assegurar ao aluno o acesso a um material didático de qualidade, que contribua para o seu pleno desenvolvimento e para o exercício da cidadania;

-considerando que, em função das diversidades sociais e culturais que caracterizam a sociedade brasileira, bem como do pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, a escolha dos livros deve ter

como base o conhecimento da realidade do aluno e da proposta pedagógica que norteia o trabalho da escola;

-considerando a necessidade de aperfeiçoar a regulamentação das formas de divulgação dos livros e demais materiais pelos Titulares de Direitos Autorais, no âmbito dos Programas do Livro;

-considerando, ainda, o disposto no caput do artigo 37 da Constituição Federal e na Lei no 8.429, de 2 de junho de 1992, que versa sobre os atos de improbidade administrativa, resolve

Art. 1º Instituir normas de conduta para o processo de execução dos Programas do Livro.

Art. 2º Participam da execução as seguintes instituições: Ministério da Educação - MEC, por intermédio da Secretaria de Educação Básica - SEB, Secretaria de Educação Especial - SEESP, e Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade - SECAD; Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação - FNDE;

Secretarias de Educação dos Estados, Municípios e Distrito Federal; Escolas e

Titulares de Direitos Autorais.

Art. 3º A participação das instituições de que trata o artigo 2º implica na observância das obrigações e proibições, de cada uma delas, conforme a seguir:

§ 1º Constituem-se obrigações do MEC e do FNDE:

I - divulgar a forma e o atendimento dos Programas do Livro por meio do site www.fnde.gov.br, ou do Diário Oficial da União, ou de correspondências específicas aos participantes dos programas, no que couber;

II - promover e apoiar ações voltadas para a formação docente com vistas à escolha e ao uso do livro nas Escolas;

III - garantir a isonomia do processo de execução, não disponibilizando informações que privilegiem um ou outro Titular de Direito Autoral;

IV - adotar as providências cabíveis no caso de as Secretarias de Educação e os

Titulares de Direitos Autorais que infringirem as normas de conduta;

V - identificar claramente a propriedade do material do MEC/FNDE, na primeira capa dos guias de escolha e nos demais materiais oficiais distribuídos.

§ 2º Constituem-se obrigações dos Titulares de Direitos Autorais ou dos seus representantes, cujas obras inscritas forem selecionadas:

I - imprimir, na primeira capa dos livros utilizados na divulgação, ou na face frontal dos demais materiais de divulgação, o texto: "Material de divulgação da Editora [nome da editora]" em tamanho correspondente a 10% da área de impressão da

respectiva capa ou face, podendo constar o código da coleção correspondente no mesmo espaço.

II - quando se tratar de exemplares de livros utilizados na divulgação, a matéria prima e acabamento (papel, cores, laminação de capa, etc.) deverão respeitar exata e fielmente as especificações técnicas do Edital, e, exclusivamente no caso do PNL D 2008, esses livros não poderão ter características superiores às especificações técnicas mínimas definidas no Edital;

III - imprimir, na quarta capa dos livros utilizados na divulgação, o Hino Nacional e o número do ISBN, deixando em branco a segunda e a terceira capas desses livros.

§ 3º Constituem-se proibições aos Titulares de Direitos Autorais ou aos seus representantes, cujas obras inscritas forem selecionadas:

I - oferecer vantagens de qualquer espécie a pessoas ou instituições vinculadas ao processo de escolha, no âmbito dos Programas do Livro, a qualquer tempo, como contrapartida à escolha de livros ou materiais de sua titularidade;

II - distribuir presentes ou brindes a pessoas ou instituições vinculadas ao processo de escolha, no âmbito dos Programas do Livro, a qualquer título, após a publicação do resultado da avaliação ou a divulgação dos guias de escolha pelo MEC/FNDE, até o final do período de escolha pela internet e pelo formulário impresso;

III - produzir e distribuir catálogo, ou outro material, com características gráficas ou outras características que induzam os professores a acreditar que se trata de material oficial, produzido pelo MEC/FNDE;

IV - utilizar logomarcas oficiais, selos dos Programas do Livro, ou marcas e selos graficamente semelhantes, para efeito de propaganda, publicidade e divulgação, ou qualquer outro que induza ao entendimento de que se trata de material oficial do MEC/FNDE;

V - distribuir exemplares de livros utilizados na divulgação, com textos ou imagens que induzam ao entendimento de que os mesmo são indicados, preferencialmente, pelo Ministério da Educação para adoção nas Escolas, em detrimento de outros;

VI - utilizar, nas formas de divulgação, livros de conteúdo (imagens e textos) diferente dos livros inscritos e selecionados para os programas, bem como livros com especificações técnicas diferentes daquelas estabelecidas no Edital;

VII - utilizar a senha de escolha ou o formulário impresso de escolha enviados pelo FNDE às Escolas;

VIII - realizar pessoalmente a divulgação ou entrega de qualquer material de divulgação dos livros, diretamente nas Escolas, após a publicação do resultado da avaliação ou a divulgação dos guias de escolha pelo MEC/FNDE, até o final do período de

escolha pela internet e pelo formulário impresso, sendo permitida, durante esse período, a divulgação pelo envio de livros, catálogos, folders e outros materiais, exclusivamente por remessa postal, definida como a entrega de materiais de forma impessoal, pelos Correios ou forma equivalente, sem a presença do Editor ou seu preposto ou outrem com vínculo funcional evidente com o Titular de Direito Autoral;

IX - realizar orientação pedagógica nas Escolas ou Secretarias de Educação, após a publicação do resultado da avaliação ou a divulgação dos guias de escolha pelo MEC/FNDE até o final do período de escolha pela internet e pelo formulário impresso; X - imprimir informação na quarta capa dos livros utilizados na divulgação além do Hino Nacional e do número do ISBN, e imprimir qualquer informação na segunda e terceira capas desses livros;

XI - transcrever para os materiais de divulgação, total ou parcialmente, os conteúdos constantes dos guias ou catálogos de escolha dos livros;

XII - patrocinar com qualquer quantia, material de propaganda (brindes, blocos, canetas, guardanapos, etc.), ou qualquer outro benefício, os eventos relativos aos Programas do Livro realizados pelas Escolas ou Secretarias de Educação.

§ 4º Constituem-se obrigações das Secretarias de Educação dos Estados, Municípios e Distrito Federal:

I - recusar vantagens de qualquer espécie em razão da escolha das obras no âmbito dos Programas do Livro;

II - orientar as Escolas quanto ao processo de escolha e utilização dos livros;

II - impedir a participação dos Titulares de Direitos Autorais, autores, ou de seus representantes, nos eventos promovidos pelas Secretarias de Educação relativos à escolha de livros;

IV - garantir a isonomia do processo de execução, não disponibilizando informações que privilegiem um ou outro Titular de Direito Autoral;

V - adotar as providencias cabíveis no caso das Escolas de suas respectivas redes que infringirem as normas de conduta;

VI - recusar vantagens de qualquer espécie dos Titulares de Direitos Autorais ou de seus representantes, a título de doação, como contrapartida da escolha realizada no âmbito dos Programas do Livro;

VII - não disponibilizar espaço público para a realização de eventos promovidos

pelos Titulares de Direitos Autorais, autores ou seus representantes, relacionados aos Programas do Livro.

§ 5º Constituem-se obrigações das Escolas:

I - impedir o acesso, em suas dependências, de Titulares de Direitos Autorais ou de seus representantes com o objetivo de divulgar livros referentes aos Programas do Livro, após a publicação do resultado da avaliação ou a divulgação dos guias de escolha pelo MEC/FNDE até o final do período de escolha pela internet e pelo formulário impresso;

II - não disponibilizar espaço público para a realização de eventos promovidos

pelos Titulares de Direitos Autorais, autores ou seus representantes, relacionados aos Programas do Livro;

III - impedir a participação dos Titulares de Direitos Autorais, autores, ou de seus representantes, nos eventos promovidos pela Escola relativos à escolha de livros;

IV - garantir a isonomia do processo de escolha, não disponibilizando informações que privilegiem um ou outro Titular de Direito Autoral;

V - não solicitar a reposição de livros recebidos, porventura danificados, diretamente aos Titulares de Direitos Autorais ou seus representantes;

VI - recusar vantagens de qualquer espécie, dos Titulares de Direitos Autorais, autores ou de seus representantes, a título de doação, como contrapartida da escolha de obras referentes aos Programas do Livro;

VII - impedir o acesso à senha de escolha ou ao formulário de escolha.

Art. 4º O prazo de escolha das obras dos Programas do Livro, referidos no artigo 3º, quando for o caso, será divulgado, dentre outras formas, no site do FNDE.

Art. 5º Será instituída pelo Presidente do FNDE, por meio de Portaria, a Comissão Especial de Apuração de Conduta para analisar e apurar o descumprimento desta Norma, no caso do recebimento de denúncias.

§ 1º Após análise da denúncia, a Comissão referida no caput deste artigo fará, se for o caso, as devidas diligências, enviará Notificação aos denunciados solicitando razões e justificativas, e, após a devida conclusão dos trabalhos, produzirá Relatório indicando os fatos apurados e recomendações de encaminhamentos e penalidades cabíveis para decisão do Presidente do FNDE.

§ 2º O Presidente do FNDE, após julgamento e decisão, emitirá Notificação ao denunciado comunicando o resultado e, se for o caso, aplicando a respectiva penalidade, sendo permitido ao denunciado impetrar Recurso Administrativo dirigido ao Conselho Deliberativo do FNDE.

§ 3º O Conselho Deliberativo do FNDE, após receber e julgar o Recurso Administrativo apresentado, emitirá, por intermédio do seu Presidente ou substituto, a devida Notificação de Decisão,

acatando integral ou parcialmente, ou não acatando o Recurso Administrativo, e, se for o caso, aplicando definitivamente a penalidade.

§ 4º O descumprimento das obrigações e proibições estabelecidas no art. 3º, §§ 2º e 3º, devidamente analisado, garantido o direito de defesa prévia, acarretará ao denunciado:

I - advertência escrita, a ser aplicada pelo Presidente do FNDE, quando se tratar de infração leve, a juízo e por sugestão da Comissão Especial de Apuração de Conduta;

II - multa de 20% do valor total da aquisição da obra, apurado com base no valor negociado por ocasião do respectivo programa/ano, a ser aplicada pelo Presidente do FNDE, nos casos do descumprimento do artigo 3º, especialmente dos incisos I, II e III do § 2º, e dos incisos IV, V, VI, IX e X do § 3º;

III - multa de 10% do valor total do contrato, apurado com base no valor negociado por ocasião do respectivo programa/ano, a ser aplicada pelo Presidente do FNDE, no caso do descumprimento do artigo 3º, especialmente dos incisos I, II, III, VII, VIII, XI e XII do § 3º;

IV - suspensão da participação do Titular de Direitos Autorais do processo de inscrição e avaliação de suas obras por ocasião Programa subsequente (quando houver nova escolha), nos casos em que for confirmado o descumprimento dos itens I e II

combinados, ou do item V do § 3º, do artigo 3º desta norma, definitivamente julgado.

§ 5º A reincidência, por três anos consecutivos, em infrações que levem à advertência de que trata o item I do § 4º acarretará multa de 1% do valor total do contrato, apurado com base no valor negociado por ocasião do respectivo programa/ano, a ser aplicada pelo Presidente do FNDE.

§ 6º A suspensão referida no item IV do § 4º somente poderá ser aplicada pelo Conselho Deliberativo do FNDE, após recomendação do Presidente do FNDE.

§ 7º O descumprimento das obrigações estabelecidas no art. 3º, §§ 1º, 4º e 5º, será tratado observando a legislação pertinente, regulatória daquelas instituições.

§ 8º As multas referidas nos itens III e IV do § 4º e no § 5º deste artigo, quando julgadas anteriormente à vigência do contrato com o Titular de Direito Autoral relativo ao programa/ano objeto de infração, serão aplicadas no ato da assinatura do respectivo contrato, como condição prévia à sua validação, podendo o infrator, caso não concorde com a pena, desistir da sua participação no certame.

§ 9º Além das medidas estabelecidas nesta Portaria, o FNDE deverá notificar os órgãos competentes, em caso de ocorrência de fato que tenha repercussão nas esferas civil e criminal.

Art. 6º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 7º Revogam-se as disposições em contrario, em especial a Portaria nº 2.963 de 29 de agosto de 2005, publicada no DOU 167, de 30/08/2005 seção I, página 7, e a

Portaria MEC nº 806, de 28/03/2006.

ANEXO B – CARTA SENHA



FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO/MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Carta-Circular Nº 003/2012 –
COARE/CGPLI/DIRAE/FNDE/MEC

Senhor(a) Diretor(a) da(o) <<NOME DA ESCOLA>>

Brasília, abril de 2012.

1. O Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) está encaminhando dados de **usuário** e **senha** para efetivação da **escolha** dos livros destinados aos alunos e professores dos anos iniciais do ensino fundamental das escolas de áreas urbanas, e também das escolas de áreas rurais com mais de 100 alunos, para o triênio de 2013 até 2015, no âmbito do **Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)**.

2. A escolha deverá ser realizada pela escola, com base nas orientações constantes no *Guia de Livros Didáticos*, e a direção deverá designar **um responsável** para realizar o registro dessa escolha, que será **exclusivamente pela internet**, de **15 de junho até 1º de julho de 2012**, pelo

portal do FNDE, em www.fnde.gov.br >> Destaques >> **Escolha PNLD 2013.**

3. Não sendo possível realizar a escolha em sua escola, deve ser utilizado outro local com acesso à internet. É essencial salvar suas escolhas, clicando no botão **GRAVAR** antes de finalizar seu acesso, para que o sistema registre as opções indicadas. Se a escola registrar escolha para alguns componentes e deixar de registrar para outros, apenas receberá os livros que tiver gravado, deixando de receber os demais componentes. Ainda, se a escola gravar sua escolha sem marcar alguma obra em qualquer componente, não serão encaminhados livros.

4. Para registrar a participação dos professores na escolha e dar transparência ao processo, sugerimos que a decisão sobre a escolha das coleções seja documentada por meio do *Registro da Reunião de Escolha dos Livros Didáticos*, constante no guia. Sugerimos também que esse documento e o *Comprovante de Escolha*, impresso via sistema, sejam divulgados para a comunidade escolar e arquivados para eventuais consultas pelo FNDE ou pelos órgãos de controle.

5. Salientamos que a senha é de uso exclusivo dessa direção e que os registros realizados pela internet poderão ser alterados a qualquer momento durante o período de escolha, prevalecendo sempre o último registro efetuado. Aconselhamos, portanto, que essa direção tome os devidos cuidados para que a senha

não seja utilizada para alterações indevidas ou por pessoas estranhas ao processo.

6. O acesso ao sistema de registro da escolha exigirá os dados de usuário e senha, fornecidos abaixo.

Usuário

Senha

7. Para que o processo de escolha ocorra de forma correta e transparente, sobretudo no que se refere à divulgação das obras pelas editoras, recomendamos a observância da Portaria Normativa 7/2007 MEC, referente às *Normas de Conduta dos Programas do Livro*, disponível no portal www.fnde.gov.br >> Livro Didático >> Legislação >> 2007.

8. As escolas dos anos iniciais do ensino fundamental de áreas rurais com menos de 100 alunos passarão a ser atendidas com livros didáticos específicos no âmbito do PNL D Campo, conforme Resolução 40/2011

CD/FNDE. Para essas escolas haverá outro processo de escolha até o final de 2012.

9. Para mais informações, consulte o nosso portal, ou recorra ao Serviço de Atendimento ao Cidadão (SAC) pelo telefone 0800 616161, tecendo “2” e depois “5” para acessar o FNDE.

ANEXO C – NORMAS DO PROCESSO DE ESCOLHA

1. Compromissos relativos à moralidade e isonomia no processo de escolha: (conforme Portaria Normativa nº 7, de 5 de abril de 2007)

COMPETE À ESCOLA:

- 1.1. impedir o acesso, em suas dependências, de Titulares de Direitos Autorais ou de seus representantes com o objetivo de divulgar livros referentes aos Programas do Livro, desde a divulgação dos Guias pelo MEC/FNDE até o final do período de registro da escolha;
- 1.2. não disponibilizar espaço público para a realização de eventos promovidos pelos Titulares de Direitos Autorais, autores ou seus representantes, relacionados aos Programas do Livro;
- 1.3. impedir a participação dos Titulares de Direitos Autorais, autores, ou de seus representantes, nos eventos promovidos pela escola relativos à escolha de livros;
- 1.4. garantir a isonomia do processo de escolha, não disponibilizando informações que privilegiem um ou outro Titular de Direito Autoral;

- 1.5. não solicitar a reposição de livros recebidos, porventura danificados, diretamente aos Titulares de Direitos Autorais ou seus representantes;
 - 1.6. recusar vantagens de qualquer espécie, dos Titulares de Direitos Autorais, autores ou de seus representantes, a título de doação, como contrapartida da escolha de obras referentes aos Programas do Livro;
 - 1.7. impedir o acesso dos Titulares de Direitos Autorais, autores ou seus representantes, à senha de escolha.
- 2. Compromissos relativos à conservação, devolução e remanejamento dos livros:** (conforme Resolução nº 60, de 20 de novembro de 2009)

COMPETE À ESCOLA:

- 2.1. promover ações eficazes para garantir o acesso, o uso, a conservação e a devolução dos livros didáticos reutilizáveis pelos alunos, inclusive promovendo ações para conscientização de alunos, pais ou responsáveis; e
- 2.2. promover o remanejamento de obras excedentes ou não utilizadas pela escola para atender a outras unidades com falta de material;

3. Compromissos relativos ao uso, guarda e sigilo da senha e do código de segurança: (conforme Carta Circular nº 002 de 2012)

CONSIDERANDO que a **direção de escola é responsável pela guarda e sigilo da senha da escolha**, enviada pelo FNDE na **carta amarela**.

- 3.1. a Direção deverá designar um responsável para efetuar a escolha do PNLD 2013 na Internet;
- 3.2. o responsável designado deverá efetuar, no Sistema, o registro da escolha de todos os componentes curriculares;
- 3.3. analisar as resenhas contidas no Guia de Escolha do PNLD 2013 e **escolher duas opções (1ª e 2ª), de editoras diferentes** para cada componente curricular.
- 3.4. caso a escola não queira receber livros de algum componente curricular, basta manter a indicação inicial do sistema: **“não desejo receber livros deste componente”**.
- 3.5. a direção da escola poderá registrar o processo de escolha, bem como os títulos escolhidos, no modelo de Registro da Reunião de Escolha, constante no Guia PNLD 2013.

4. Compromissos relativos à transparência no processo de escolha:

4.1. Sugere-se que o **comprovante de registro da escolha** feita pela Internet, e o **registro da reunião a que se refere o item 3.5**, sejam divulgados para a comunidade escolar e arquivados para eventuais consultas pelo FNDE ou pelos órgãos de controle.

FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO

ANEXO E - CAPAS DOS LIVROS DE CIÊNCIAS ANALISADOS

